

VAMIREH CHACON

TIMBAÚBA:

SÍNTESE HISTÓRICA DE UM MUNICÍPIO PERNAMBUCANO

ÍNDICE

- Introdução.
- Localização geográfica.
- População e atividades econômicas.
- História desde os primórdios até os nossos dias.
- Apêndices (textos das leis de criação da freguesia de Timbaúba (nº 1.103 de 28 de maio de 1873); de criação do município de Timbaúba e elevação da sede à vila (nº 1.363 de 8 de abril de 1879); e da elevação da vila de Timbaúba à cidade (nº 1.181 de 27 de junho de 1884)).

INTRODUÇÃO

Nem só os grandes temas podem e devem atrair a atenção do estudioso. Também os simples, quase humildes; pois, às vezes, por trás dêles, podemos entrever implicações que atingiram fatos mais importantes.

Nada na vida é demasiado insignificante para deixar de merecer nossa atenção. A ciência continua a descobrir os segredos do microcosmo, e não só do macrocosmo.

Timbaúba também representa um microcosmo; e nem por isto digno de menor interêsse. O município permanece como a menor unidade política do país. Nêle se desenrola um capítulo fundamental para a própria História do Brasil: aquêle feito de ~~de~~ simplicidade provinciana - que subsiste ainda em alguns bairros de grandes cidades, espécies de municípios sentimentais independentes - e de fidelidade ao que a nação tem de mais puro. Já François Mauriac escrevia, na França: "Province, terre d'inspiration, source de tout conflit! La Province oppose encore à la passion les obstacles qui créent le drame". "La Province nous fournit des paysages"; e "des types".

A Província transmuda-se, na alma de todos nós, de uma nossa origem ocasional, para uma dimensão espiritual. Sentimental. Mesmo quando a abandonamos, rumo à grande cidade, ela permanece: sublimada pela saudade; purificada pelo toque do passado.

Os timbaúbenses - sobretudo êles - compreenderão as deficiências desta tentativa de História. Entretanto ela não passa de uma síntese; conforme seu próprio subtítulo indica.

Não pretendemos redigir uma crônica da vida timbaubense, das suas famílias, dos seus tipos populares, das suas efemérides mais caras à alma do povo. Preferimos apenas a interpretação histórico-social daquela mesma vida, tão rica em aspectos, a ponto de não esgotar - se num ensaio como êste, continuando a merecer a atenção dos estudiosos interessados nos seus desdobramentos e implicações.

Por conseguinte não pretendemos ter exaurido o assunto. Pelo contrário: no máximo teremos aberto a porta, por onde outros penetram, ou talvez evitarão, julgando melhores outros rumos.

De qualquer modo aqui fica esta síntese. Quanto possível completa.

Escrevêmo-la a pedido de Levy Cruz, professor universitário e sociólogo, com experiência em instituições como a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, a Universidade de Chicago e o Instituto Joaquim Nabuco; entre outras.

Fomos ajudados pelos jovens estudantes Joacir da Silva Castro e J. Bonifácio Xavier de Andrade, um recifense e o outro timbaubense; mas ambos profundamente interessados pelo tema.

Em última análise; fomos também ajudados pelo povo de Timbaúba; solícito nas respostas e receptivo às pesquisas.

A todos o nosso sincero agradecimento.

Somos uma nação quase sem passado, no sentido de que ele e a terra — como diria Oliveira Viana — não se apoderaram de nós. Certamente não devemos prender-nos demasiado ao que já não existe; e sim ao que continua existindo sob outra forma, que não podemos compreender sem perceber seus antecedentes. Inúmeros municípios, de História longa e importante para o Brasil inteiro — como São Vicente, Olinda, Salvador, etc -, persistem à espera de estudos específicos. Teimamos em considerá-los como simples de graus de uma História maior, sem conceder-lhes a especial importância de que seriam dignos. Quando surge uma História sua, ela é mais uma crônica que uma interpretação da vida urbana. Interpretação que teria de ser não meramente cronológica ou pitoresca, e sim sociológica.

Este o sentido da nossa tentativa de síntese, em Timbaúba; dentro das limitações do tema, que não oferece repercussões tão intensas para o Brasil inteiro, quanto outros municípios, embora todos sejam portadores da mesma dignidade.

Recife - 1959.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Segundo o IBGE, o município de Timbaúba localiza-se na latitude S 7° 30' 30" e longitude W Gr. 35° 19' 07". Dista do Recife, em linha reta, 78 kms. Distância aumentada, evidentemente, se tomarmos como referência a rodovia (113 kms), ou a ferrovia (118 kms).

A área do município estudado totaliza 234 kms². Está situada na média de 102 metros acima do nível do mar. Seu clima é "quente e úmido com chuvas de inverno e máximas de verão". Temperatura os cilando em torno de 28° centígrados.

Timbaúba limita-se com os municípios de Tambémé, Aliança, Vicência e Macaparana, além de defrontar-se com o Estado da Paraíba, no seu extremo norte.

Várias serras cortam a região: os Cariris Velhos, entre Pernambuco e Paraíba, ao norte do município; e a do Mascarenhas, ao sul, diante de Vicência. A dos Dois Girais corta Timbaúba quase ao centro, na direção leste-oeste. Outras pequenas serras aparecem no município: a do Sapucaia (perto da sede), da Guabiraba, da Preguiça, do Mulungu, do Espinho Preto, da Lagoa Grande do Urussu, da Porroca, etc. Todas de pequena altitude, não excedendo 500 m. na área em questão.

O município fica exatamente na zona de transição entre mata e a greste, isto é, entre a parte mais irrigada de Pernambuco e o trecho semi-árido que prenuncia o sertão. Daí o comportamento dos seus rios, secando com frequência durante o verão e despejando-se em enxurrada no inverno. Surge, como principal, o Capibaribe-Miririm, que nasce nos limites entre Pernambuco e Paraíba, correndo, em seguida, pelos municípios de São Vicente Ferrer, Macaparana, Timbaúba, Tambémé e Goiana, formando com o Tracunhaém o Goiana, indo ao mar uns 30 quilômetros depois desta junção. Tem, aproximadamente, 120 kms de curso total. Frise-se de passagem que o Capibaribe-Miriri não se confunde com o Capibaribe, que desemboca no Recife, vindo de

Brejo da Madre de Deus, dispondo de quase o dobro de extensão do outro.

Entre os afluentes do Capibaribe-Mirim destacamos o Gruanji, nascido no distrito do mesmo nome e atingindo o rio maior, perto do Engenho Pureza, descrito em célebre romance de José Lins do Rêgo. O Gruanji, de 30 kms de curso, recebe os riachos Gravatá e Canabrava. Outros regatos cruzam a região, indo diretamente ao Capibaribe-Mirim: o Tiúma (com seu afluente Espinho), o Pindoba, o Mulungu, o Sabão da Cruz, dos Cágados, Fundo da Mala, Mirim, Água Fria, Banana e Sambaqui.

Discute-se sôbre a origem da palavra "Timbaúba". Para Teodoro Sampaio suas raízes seriam: "timbó-ina", "árvore de exalação". Já Alfredo de Carvalho preferia: "timbá-iba", "árvore muito branca, alvíssima" e Souza Doca: "timbó-uva", "árvore de espuma", segundo enumeração do IBGE. Mário Melo, na sua TOPONÍMIA PERNAMBUCANA, aceitou a interpretação de Souza Doca.

POPULAÇÃO E ATIVIDADE ECONÔMICAS

Timbaúba conta três centros urbanos, afirma o IBGE: "a sede, com 11.041 habitantes, Cruanji com 350 e Livramento do Tiúma com 253". Entretanto, se incluirmos as áreas rurais de cada sub-divisão, temos: 20.290 na sede; Cruanji, 10.893 e Livramento do Tiúma, 5.873.

Quanto à religião, 95,9% eram católicos. No censo de 1950 existiam 20.897 pardos, 12.486 brancos e 3.638 pretos.

A população total atinge 37.059; o que resulta numa densidade de 146 habitantes por quilômetro quadrado, das mais altas em Pernambuco.

A referida população é muito ativa. O IBGE revela: "Segundo Censo de 1950, 35% das pessoas presentes, de 10 anos e mais idade, estavam ocupados no ramo "agricultura, pecuária, silvicultura", e 5,6% na indústria. Na agricultura destacam-se pelo valor da produção a cana de açúcar, a banana, o café e o feijão. Na indústria, encontramos em primeiro lugar a produção do açúcar de usina, seguindo-se-lhe a produção de sacos de algodão, calçados e beneficiamento de algodão em geral e produtos químicos e farmacêuticos". 72 % da população ativa trabalhava na "agricultura, pecuária e silvicultura"; 11% nas indústrias de transformação; 8% nos serviços e 4% no "comércio de mercadorias".

Vejam-se ao lado os quadros estatísticos da produção agrícola e industrial de Timbaúba (1).

Ferrovias e rodovias ligam o município com o mundo. A cidade mais próxima, Aliança, dista 18 kms por rodovia e 21 kms por trem. Também está a 37 kms por estrada de rodagem. Macaparana a 24 kms e Vicência a 39 kms, ainda pelo mesmo meio de transporte. Recife, a 113 kms por rodovia e 118 kms por ferrovia. A Paraíba, com sua localidade mais próxima, Itabaiana, dista 27 kms de ferrovia e 36kms de rodovia.

Intenso o comércio: "Há no município 4 cooperativas de crédito.

A sede municipal conta 3 estabelecimentos do comércio atacadista e 81 do varejista". Nenhuma agência de Banco. Quem desejar procurá-los, deve buscar as cidades vizinhas do Recife.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

<u>Produto</u>	<u>Unidade</u>	<u>Volume</u>	<u>Valor (Cr\$)</u>
Cana de açúcar	tonelada	246.376	44.347.680
Banana	cacho	170.000	4.760.000
Café	kg.	166.500	3.829.500
Feijão	Saco de 60 kg	10.270	3.081.000
Laranja	cento	52.700	1.581.000
Algodão	kg	240.000	1.440.000
Milho	Saco de 60 kg	14.240	1.068.000
Mandioca	tonelada	1.155	547.500
Tomate	kg	88.400	380.120
Batata doce	tonelada	150	120.000

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

<u>Produto</u>	<u>Unidade</u>	<u>Volume</u>	<u>Valor (Cr\$)</u>
Açúcar de usina	kg	217.380	58.714.388
Sacos de algodão, etc	kg	957.811	42.179.073
Calçados em geral	par	503.744	26.342.256
Benef. de algodão	kg	1.168.600	10.568.200
Prods. químicos e farmacêuticos	-	-	8.455.880
pães e produtos de padaria	kg	1.059.000	6.007.742
Carneira	Pe2	250.000	5.000.000
Sabão	kg.	480.000	4.800.000
Alcool	l.	834.800	3.655.880
Acúcar banguô	kg	440.000	1.832.000
Melaço	l.	2.950.000	1.032.500
Farelo e similares	kg	370.860	1.020.270
Tijolos em geral	milheiro	1.440	684.000
Telhas em geral	milheiro	200	258.000

Considerável incremento toma Timbaúba, aos poucos. O IBGE no item "Aspectos urbanos", descreve: "A área pavimentada da cidade totaliza 25.120 m² a paralelepípedos. Do total de 106 logradouros existentes, 22 são arborizados e 3 ajardinados e arborizados simultaneamente. A sede é abastecida por água encanada havendo 773 ligações domiciliares. O número de ligações elétricas é de 1.475 e 68 aparelhos telefônicos instalados. O serviço telegráfico é feito pela Rede Ferroviária do Nordeste e Telégrafo Nacional (DCT). Dois hotéis e 1 Pensão, sendo a diária comum em hotel de nível médio de Cr\$ 70,00. A produção de energia elétrica é da ordem dos 164.429kw anuais. O número de veículos registrados na Coletoria Estadual atinge a 68 automóveis e 48 caminhões".

Inúmeros estabelecimentos industriais proliferam em Timbaúba. Destacamos 10 engenhos de açúcar, 16 fábricas de calçado e 9 de aguardente, produtos municipais de renome em todo Pernambuco e mesmo fora dele.

Estavam matriculados em Timbaúba 147 veículos, entre automóveis e caminhões, além de 40 tratores e 317 bicicletas, destaca o TIMBAÚBA-JORNAL em número especial (1º de março de 1958 - p. 4).

Eis a lista de prefeitos de Timbaúba, desde 1913:

- José Borba (de 1913 a 1916);
- Júlio de Queiroz (de 1916 a 1919);
- Jáder de Andrade (de 1919 a 1922);
- Urbano Borba (de 1922 a 1925);
- Júlio de Queiroz (de 1925 a 1928);
- João de Andrade Sobrinho (de 1928 a 1930);
- Belarmino de Souza Rodrigues (de 1930 a 1935);
- Aristóteles Travassos de Moura (1935);
- David de Albuquerque Queiroz (de 1935 a 1937);
- Álvaro Xavier de Moraes Coutinho (de 1937 a 1944);
- Antônio Xavier (de 1944 a 1945);
- José Campos Sobrinho (1945);

Lauro Dornelas Câmara (1945);
 José Campos Sobrinho (1945);
 Urbano Ribeiro de Sena (de 1945 a 1946);
 Galvão Cavalcanti (1946);
 Severino Sindolfo Seixas (de 1946 a 1947);
 Milton Higino de Queiroz (1947);
 Alfredo Pereira Campos (de 1947 a 1951);
 Galvão Cavalcanti (de 1951 a 1955);
 João Ferreira Lima Filho (de 1955 até hoje).

Os seguintes prefeitos foram eleitos por sufrágio popular: José Borba, Júlio de Queiroz, Jáder de Andrade, Urbano Borba, Júlio de Queiroz, João de Andrade Sobrinho, Alfredo Pereira Campos, Galvão Cavalcanti e João Ferreira Lima Filho. Os demais exerceram o cargo em função de nomeação, nos tempos do primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Quanto à vida intelectual de Timbaúba podemos, de início, descrever o seu panorama escolar:

<u>Grau do ensino</u>	<u>Nº de estabelecimentos escolares</u>	<u>Dependência</u>	<u>Matrícula</u>
Pré-primário	2	Particular	81
" "	1	Municipal	70
Fundamental comum	26	Estadual	1.827
" "	9	Municipal	535
" "	35	Subvenc.p/Mun.	1.563
" "	11	Particular	695
" supletivo	4	Federal	199
Complementar	2	Particular	151
Ginasial	2	"	360
Normal pedagógico	1	"	69
Técnico de contabilidade	1	"	25
Total de estudantes matriculados			5.175.

(Apud IBGE e número especial do TIMBAÚBA-JORNAL (1º de março de 1958 - p. 4).

Ainda como outros aspectos da vida da inteligência timbaubense , lembraríamos a existência de uma biblioteca (pertencente à Liga Litero Atlética de Timbaúba), "de caráter particular e com cerca de 1.000 volumes de obras gerais". "Em face de organização encontra-se a Biblioteca Pública Municipal".

Nos dias atuais circula um jornal: o TIMBAÚBA-JORNAL. Outrora , porém, houve alguns outros: A SERRA (de Jáder de Andrade, de 1913 a 1930), O MÊS, O GURY e O CHIC. Estes os principais.

Segundo o IBGE lá existiam 7 médicos, 4 dentistas, 3 farmacêuticos, 1 agrônomo e 1 veterinário. 7.693 eleitores elegiam, para autoridades municipais, o prefeito e 9 vereadores.

Eis o quadro das Finanças Públicas municipais que custeavam estes e outros gastos:

<u>Anos</u>	<u>Receita arrecadada (a 1.000)</u>			<u>Despesa realizada no município (Cr\$ 1.000)</u>	
	<u>Federal</u>	<u>Estadual</u>	<u>Municipal</u>		
			<u>Total</u>	<u>Tributária</u>	
1950	3.534	3.458	1.593	884	1.605
1951	4.037	4.947	1.852	1.019	1.787
1952	6.270	5.730	2.509	1.186	2.374
1953	5.774	5.789	2.728	1.401	2.531
1954	6.112	6 792	3.196	1.775	3.498
1955	8.651	9.313	3.762	2.216	3.566
1956	(a)9.000	(a)12.000	(b)2.850	(b)1.678	(b)2.850

A - estimativa.

B - orçamento. (Segundo IBGE).

HISTÓRIA DESDE OS PRIMÓRDIOS ATÉ OS NOSSOS DIAS

A História de Timbaúba, enquanto povoado humano, não data de muito tempo. Suas terras se ligam à antiga capitania de Igarassu, porém como distam algumas dezenas de quilômetros do litoral — e a penetração lusa no interior do Brasil era superficial, ficando os portugueses como caranguejos arranhando a costa — a região da atual Timbaúba nem constava dos mapas na época da Invasão holandesa no século XVII.

Contudo, como ainda hoje a região produz açúcar, em tradicionais engenhos, tudo leva a crer que a referida cultura econômica originou-se do litoral e rumou para o interior através do vale do rio Capibaribe-Mirim, que conta com 120 kms de curso total. Lá no interior fez junção com as fazendas de gado que realizaram marcha inversa, vindo dos sertões do rio São Francisco, subindo pelos seus afluentes, transpondo o divisor de águas da vertente do Atlântico e alcançando assim os rios que desembocam diretamente no oceano. O mapa ao lado explicará melhor o processo.

O antigo povoado dos Mocós, nos arredores da atual Timbaúba, constituiu o mais remoto núcleo populacional conhecido. Um português, de nome Antônio José Guimarães, resolveu um dia, transferir a feira dos Mocós para o pátio da sua fazenda. Sua atitude teria causado a decadência do imemorial povoado e o aparecimento de Timbaúba, contam as tradições do lugar. Entretanto já existiam outras casas onde hoje está a cidade, mostrando que a mudança da feira se efetuou por outros motivos além do gesto atrabiliário de um imigrante. Certamente representava lugar mais central e acessível às várias fazendas das imediações. Escreve, a respeito, o jornalista Silvano Lopes no seu livro O PATRIARCA:

"O fundador teria de ser o primeiro homem a pisar a terra agreste e dura que se transformaria na cidade que hoje tem tão magnífico aspecto. Sim, devia de ser o primeiro varão a instalar-se entre ou

tras árvores que não parece admissível existissem de copas erguidas para o céu somente de troncos e galhos espumosos. Entretanto, do depoimento dos antigos consta que antes do tremebundo Antônio José Guimarães, outro homem, chamado Marcelino de Souza Monteiro tinha casa no local onde hoje funciona a Coletoria Federal (praça Carlos Lira). Marcelino era fazendeiro. Depois d'êste é que se instalou nas imediações da casa de Marcelino, o português, o Cabral de Timbaúba, que chegara a pé ou no lombo de um cavalo, sem os perigos do mar e as incertezas das náus que aportaram em Pôrto Seguro.

O português construiu o seu castelo no começo da atual rua Antônio Vicente, estendendo por um longo quarteirão da artéria nova de hoje, a sua senzala. Deviam de ser ouvidos, a todo o momento, os gritos aflitivos dos escravos. Tudo isto no ano de 1823.

A escassa população descobriu logo que o descendente dos navegadores era um tipo atrabiliário. Todos debaixo do seu julgo. Cão-lho de inteligência, viu que podia ser rei, numa terra de cegos. Começou a impôr a sua vontade e a primeira demonstração de força foi mudar a feira de Mocós para a sua fazenda.

A tudo isto assistia impassivelmente o fazendeiro Marcelino.

Com a feira, foi o deserto se povoando. Construíram-se casas. Provavelmente destas eram moradores os fabricantes de rês de Mocós.

Mas, onde houver um núcleo, pequeno mesmo, da população, faz-se necessário um monumento de fé.

Assim coube à mulher do feroz Guimarães construir, com o auxílio do povo, uma capela em devoção a Nossa Senhora das Dôres. Provavelmente os habitantes do lugarejo rezavam muito, pedindo à Virgem Santa um pouco de brandura no férreo coração de sua magestade o fundador.

Si as preces não abrandaram a dureza daquela alma, o acervo de sofrimentos dos oprimidos impulsionou a grei para uma ofensiva. Si Goiana se levantara contra Luiz do Rêgo, Mocós podia declarar guer

ra ao reino, na pessoa de Guimarães. E as vítimas do português voluntarioso livraram-se do algoz, matando-o (1847).

Com liberdade é que os homens poderão pensar, produzir, prosperar. Desenvolveu-se o lugarejo. A cultura do algodão tomou impulso, amplificando-se a feira. Aumento na circulação de dinheiro."

"Para o Recife, viajavam os homens de negócio no dorso dos cavalos, levando quase três dias de caminhada.

Tempo em que o senhor-de-engenho sabia usar o chanfalho contra o escravo submisso e retirado um dia da sua submissão para uma liberdade mascarada. Timbaúba de 1877. Não chegava a 100 o número de casas de alvenaria; com a capela de Nossa Senhora das Dôres, Timbaúba, orgulhosa, por haver suplantado o bairro de Mocós". (1).

Vemos, assim, a contraposição de duas teses sobre a origem de Timbaúba: uma atribuindo a um indivíduo isolado o mérito de ter iniciado a cidade, outra referindo o merecimento ao determinismo histórico condicionado por circunstâncias geo-econômicas. Da nossa parte preferimos aceitar a frase de Marx, embora não adiramos a tôdas suas teses, de que "O homem é autor e ator de sua própria História". Não só as personalidades moldam a História, como parecia querer Carlyle, nem também as massas sozinhas conduzem os fatos, como insinua Thierry. Ambos os fatores se entrosam dentro da vasta perspectiva interrelacionista do fato social, com seus aspectos econômicos, geográficos, religiosos, etc.

Eis a versão de Sebastião de Vasconcellos Galvão, que corresponde à tradição popular, e da qual discordamos em parte, conforme frisamos antes: "No princípio do século XIX era a atual cidade de Timbaúba uma fazenda de criação de gados. Por esse tempo, em 1823, aí, Antônio José Guimarães estabeleceu um pequeno negócio de fazendas, ao qual reunia diversas mercadorias. Seguidamente montou uma fábrica de descaroçar algodão; e, ao princípio fraco comprador, com a prosperidade do negócio, chegou a ser um grande comerciante do lugar e a principal pessoa. Rico, logo entendeu de ser o regulo

daquelle meio e tornar-se um dominador em tudo. Quem plantasse al gadão naquellas paragens ou alli passasse, sòmente a elle havia de vender o producto. Ai, do que resistisse, custava-lhe surra de pau, detenção ou qualquer meio de coação e violencia. Nas immediações, a 2 kilms. no sitio chamado Mocós, sopé da serra deste nome, havia uma feira. Elle entendeu que devia, por propria conveniencia, dal li removel-a, e o fez com a autoridade de homem rico e senhor que impõe vontade. A mudança da feira determinou a construção de vari- as casas de pessoas, a quem a mesma interessava por negocios que as attrahiam. Creada a povoação, a mulher de Guimarães, cujos senti- mentos de piedade e religião eram a anthitese do esposo iracivel e rancoroso, resolveu e pôz em pratica a idéa da construcção de uma capella do patrocínio de N. S. das Dores. Ella teve ainda em seu auxilio a solidariedade e auxilio de toda a população circumvisi - nha. Entretanto, o autoritario cada dia crescia em audacia, pisa- va direitos impunemente, expellia da terra quem lhe desagradava, e, accrescenta a tradição, chegava o desassombro, até aos crimes. Mas isso terminou pelo assassinato d'elle, em 1847, por aquelles que can çaram de o tolerar, e não comprehendiam a justiça por tal modo. Com a morte do portuguez Antonio José Guimarães, desapareceu a fazen- da com o estabelecimento commercial; e novo meio se seguiu formado de povoação pacifica, com pequenas casas, em que tudo se vendia, re clamado pelas necessidades dos habitantes locais e dos que compare- ciam ás suas feiras". (Verbete "Timbaúba" no Dicionário chorogra- phico, historico e estatistico de Pernambuco - Rio de Janeiro-1921).

Eis um culto à personalidade, determinando a História, que se as semelha ao de Nietzsche ou o de Carlyle ...

Ao nosso ver, sem fatores que propiciassem o desenvolvimento tim baubense, teria sido inútil a intervenção de Antônio José Guimarães. Ela foi apenas o agente catalisador do crescimento de Timbaúba.

O grande amante das cousas pernambucanas, Mário Melo, faz um in- teressante esclarecimento: "Timbaúba estava situada nas terras da

capitania de Itamaracá, doada a Pero Lopes de Souza e somente no século passado começou a aparecer na história.

A primeira referência de que tendo lembrança - remontando Timbaúba ao seu bérço - foi na revolução goianense de 1821 para expulsar Luiz do Régio do govêrno de Pernambuco. Quando os revolucionários partiram de Goiana para Olinda, dêles fazia parte um grupo armado de pessoas de Mocós.

Mocós era o núcleo de população de que resultou Timbaúba".(2).

Silvino Lopes recorda a rebelião do "quebra quilos": "Um dia de pavôr em Timbaúba. Igual, talvez, ao pavôr que trouxe Goiana assombrada quando da fúria de Luís do Rego contra as urupemas.

Opondo-se às ordens do govêrno, que mandava substituir vara por metro e libra por quilo, a população rural da vila, armada de cacête, atacou o comércio, a feira, o mercado, quebrando metros e quilos

A rebelião, às folhas tantas, já não tinha um ponto de ataque. Assim, a matutada furiosa atacou o cartório do escrivão Saturnino de Souza e Silva, também chamado "Seu Velho". Papéis foram transformados em cinzas.

Foi a notícia da revolta para o Recife e as providências não chegaram com a pressa desejada. Não veio a Fôrça. Veiu, entretanto, o cel. Luís Maranhão, de Páu Dalho, com uma tropa de voluntários. Luís Maranhão metido numa farda de coronel de polícia arrastando cerca de seiscentos homens. A tropa entrou em ação, sem amedrontar-se dos cacêtes de angico, que foram rebatidos a foice e facão. Muitas prisões de amotinados.

O cel. Maranhão deve ter sido o presursor do hitlerismo e quando prestou tão relevante serviço ao govêrno constituído, à legalidade, estava sendo procurado pela polícia porque botára abaixo a Cadeia de Páu Dalho para soltar um seu trabalhador.

Desde então o bravo coronel não foi mais procurado, constando até que recebeu gorda recompensa pelo seu heroísmo". (3).

A irônica linguagem de Silvino Lopes mostra que o povo dos Mocós e de Timbaúba nem sempre se deixou levar pelo comodismo e pela pacata vida de interior. Embora não fossem, então, das maiores cidades de Pernambuco (hoje é a quarta em tamanho), seus nomes são vez por outra lembrados no século XIX em episódios de repercussão inclusive nacional.

É o caso do levante de 1848.

Durante a rebelião praieira teve lugar em Cruanji o seu maior combate. Os revoltosos atingiram a povoação de Cruanji após terem passado pelo engenho Canavieiras, onde, segundo afirma Jerônimo Martiniano Figueira de Melo (CRÔNICA DA REBELIÃO PRAIEIRA - p. 130) arrombaram e saquearam a casa grande, roubando também quarenta bois. Os revolucionários estavam divididos em duas brigadas, uma sob o comando do coronel da Guarda, Manuel Henrique Pereira de Lucena, e outra sob o de capitão João Inácio Ribeiro Roma. O comando geral cabia ao coronel Manuel Pereira de Moraes (o célebre Moraes de Inhaman). Seu ajudante de campo era Antônio Borges da Fonseca. Os chefes revoltosos João Paulo e Leandro dirigiam corpos.

Edison Carneiro explica a preferência pelos assaltos a engenhos: "Os engenhos de açúcar dos caudilhos da Praia eram, ao mesmo tempo, bases de operações; fontes de efetivos, provisões e munições e caminho seguro para as forças liberais". Com efeito. Foi nos engenhos Inhaman, Verde, Lavagem, Benfica e outros, que se alimentaram de início as ondas revoltosas. Vários outros serviram de bases ("O Partido da Praia" - ESTUDOS SOCIAIS - Julho-agosto-1958-p. 213).

O combate de Cruanji está bem resumido na Ordem do Dia do general José Joaquim Coelho, futuro Barão da Vitória, desde que descontemos o seu partidarismo de homem engajado nos acontecimentos:

"Quartel General do Comandante das Armas de Pernambuco na Povoação de Cruangi, 21 de dezembro de 1848.

Ordem do Dia - Ontem as 11 e meia horas do dia a coluna do meu comando em seguimento dos rebeldes pôde alcançá-los nesta Povoação,

onde entrincheirados julgavam-se invencíveis. Eu tive porém a satisfação de verificar nesta parte do Exército Brasileiro o valor e a coragem, que o caracterizam. Um fogo vivo e terrível, que o inimigo fez de suas posições temíveis, não pôde abalar os ânimos de uma tropa disposta a plantar (sic) a ordem no meio da desordem, e a fazer triunfar a lei, onde o espirito de partido e de vingança procuram inutilizar sua benéfica influência.

Oito horas e meia durou o combate, e às 9 horas da noite já o fogo do inimigo era nem-um, o seu perigo era eminente, e só uma fuga favorecida pela escuridão o podia salvar: foi o que fizeram, deixando nove mortos, e algumas rezes das que haviam dois dias antes roubado do Engenho Canavieiras. Essa com tudo não devia ser inteiramente a sua perda; porque estando êles (como geralmente se diz) em número de 1.200, e muito bem montados, é de supor que conduzissem os primeiros mortos e feridos, deixando só aqueles, que foram vítimas nos ultimos tiroteios, quando já tratavam de se retirar.

A coluna do Snr. Tenente Coronel José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa, só às 4 horas da tarde pôde agredir o inimigo; com tudo foi de muita utilidade.

Nós tivemos a perda de 9 mortos, incluindo o 2º cadete do 1º Batalhão de Caçadores José da Silva Freire, que valorosamente morreu avançando sobre o inimigo. Sua morte serviu de estímulo aos corações verdadeiramente militares. Também tivemos 25 feridos e contusos, entrando no número dos primeiros o valente Capitão mandante do 1º Batalhão de Caçadores João dos Passos Nepomuceno, que avançando com a quele valor já tantas vezes conhecido recebeu uma bala, que lhe quebrou o braço esquerdo, e no dos segundos o Capitão do mesmo Batalhão Luiz de França Leite. Os Corpos 5º de Fuzileiros, 6º de Caçadores e 1º da mesma arma, que faziam a vanguarda, e a artilharia ao mando do Snr. 1º Tenente José Pedro Heitor cobriram-se de glória, e mereceram pela maneira distinta, porque se portaram.

Eu por tanto me congratulo com os Snrs. Officiais e mais praças ,

não mencionando individualmente aqueles, que mais se distinguiram, porque pretendo no fim desta luta reservar uma ordem do dia para tributar os devidos encômios ao valor dos beneméritos, que com tanta galhardia expõem sua vida a prol (sic) do nosso adorado Monarca, o Snr. D. Pedro II, da Pátria e do sistema que felizmente nos regem". (Apud Jerônimo Martiniano Figueira de Melo)(Ob. cit. - pp. 133, 134).

Uma carta enumerou depois o número de mortos dos rebeldes: 23. Acrescentou também que só a coluna do coronel José Maria Ildefonso fizera 9 prisioneiros. Relação de mortos do exército imperial: 2 cabos de esquadra, 2 cadetes e 5 soldados; feridos: 1 capitão, 1 primeiro-sargento, 1 cabo de esquadra, 16 soldados e 1 corneta; contusos: 1 capitão, 1 cadete e 3 soldados. Total: 34 baixas.

Com exceção do combate do Recife, travado em 2 de fevereiro de 1848, foi o de Cruanji o mais importante em duração, contingente humano e sangue derramado, em tãda a Rebelião Praieira.

E também o mais violento de tãda a História conhecida de Timbaúba. Segundo Sebastião de Vasconcelos Galvão, o engenho Trincheiras, nos arredores de Cruanji, onde teve lugar o combate, deve a êle o seu nome: "proveio desse facto e é uma recordação do acontecimento, isto é, do sitio haver servido de reduto". (Verbete "Trincheiras" no Dicionario chorographico, historico e estatistico de Pernambuco - Ob.cit) A imaginação popular ampliou a batalha: alguns imaginam os riachos de Cruanji correndo sangue em vez de água, durante a luta de 1848.

Os fins do século XIX presenciam a consolidação jurídica do crescimento econômico de Timbaúba. Em 28 de maio de 1873, a lei provincial n. 1 103 da Assembléia Provincial de Pernambuco criava a paróquia de Timbaúba. Em 8 de abril de 1879 a lei n. 1 363 dava origem ao município e à comarca de Timbaúba, tendo o povoado elevado à vila. Desligava-se assim de També, um dos centros tradicionais da História de Pernambuco, lugar oriundo da capela de Nossa Senhora do Desterro, instituída por André Vidal de Negreiros, no século XVII, e mais tarde ligada à povoação paraibana de Pedras de Fogo, através da

proximidade da feira dali, segundo Sebastião de Vasconcelos Galvão . Por sua vez, També ou Itambé, na versão antiga, estava subordinada à freguesia de Goiana - fundada no século XVI. Explica Sebastião Galvão: Goiana "foi das freguezias creadas no districto da capitania de Itamaracá a que mais floresceu, tanto que, algumas vezes, foi a cabeça da mesma capitania". Entre a vila de Goiana e a povoação situada na ilha propriamente de Itamaracá oscilou a predominância política da capitania.

Vemos assim remontarem à capitania doada por D. João III a Pero Lopes de Souza, em 1535, as origens longínquas do povoamento que atingiu Timbaúba através de Goiana e També, em sucessivos desdobramentos.

Cortados os derradeiros laços jurídicos diretos com També, foi instalada em 21 de fevereiro de 1882 a primeira Câmara Municipal de Timbaúba. A lei provincial n. 1 811, de 27 de junho de 1884, elevava a vila à condição de cidade.

O território timbaubense tem mudado ao longo do tempo.

A freguesia de Nossa Senhora das Dôres de Timbaúba incluía também Cruanji, da comarca de També, que mudou de dependência, oscilando entre as duas cidades vizinhas. A lei provincial n. 1 454 de 9 de julho de 1879 restaurou a freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Cruanji, limitando Timbaúba ainda mais. Aliás Cruanji e Mocós constituem em os povoados mais antigos do atual município, quase de uma maneira simbólica explicando as origens da sede, pois Mocós surgiu em função de fazendas de gado e suas feiras e Cruanji continua a representar um tradicional centro açucareiro, com velhos engenhos, como Pureza, celebrado num romance de José Lins do Rêgo, e Trincheiras, onde houve o combate de 1848, além de outros, com nomes pitorescos que evocam a melodia dos poemas de Ascenso Ferreira: Canabrava, Canabravinha, Água Azul, Coités, Nova Idéia, Jussara Grande, Pico do Gitó, etc. Quase que poderíamos dizer com Ascenso:

"Os engenhos da minha terra têm nomes que fazem sonhar ..."

Com tantos e antigos engenhos não surpreende mais o tamanho da

igreja da vila de Cruanji, relembrando o passado glorioso do patriarcalismo canavieiro, num povoado hoje dominado pela presença da usina do mesmo nome, presidindo os destinos de uma população pequena e sem grandes surtos de progresso.

Sebastião de Vasconcelos Galvão enumera as seguintes datas importantes: "Foi creada freguezia pela Lei Provincial n° 155, de 31 de março de 1846, sendo supprimida pela de n° 275, de 7 de abril de 1854 e restaurada pela de n° 527, de 4 de junho de 1862, que incorporou-a á com. de Goyanna. A Lei Provincial n° 581, de 30 de abril de 1864, determinou que a séde da freguezia fosse a povoação de S. Vicente e a matriz a capella dessa mesma invocação, nesse povoado, pertencendo ao termo e comarca de Nazareth. Reduzida a distrito, foi Cruangy annexado á Timbauba pela Lei Provincial n° 1.103, de 28 de maio de 1873. Foi restaurada parochia pela Lei Provincial n° 1.454, de 9 de junho de 1879. - Em 20 de Dezembro de 1848 as forças governistas venceram os liberaes, depois de um combate de mais de 8 horas. Em 28 de Novembro de 1874, os revoltosos chamados Quebra-kilos invadem esta povoação". Segundo ainda Sebastião Galvão existia em 1920 em "Cruangi Velho", o antigo sobrado "onde se aquartellou" o general José Joaquim Coelho, futuro barão da Vitória, na luta em que resultou o maior combate da rebelião praieira, em 1848.

Mais adiante se separariam os distritos de São Vicente Ferrer - berço do ex-governador de Pernambuco, Manoel Borba, quando ainda ligado a Timbaúba - e de Macaparana, hoje famoso pelas suas uvas.

Um dos mais antigos depoimentos pessoais sôbre o nascente povoado timbaubense é o do primeiro vigário, padre Augusto Cabral de Vasconcellos, que escrevia no Livro do Tombo paroquial: "Quando cheguei neste logar - Timbauba - como capellão, em 14 de fevereiro de 1869, encontrei a capella que era então filial á Matriz de Itambé (sic), feita de taipa e bastante deteriorada.

Exigindo prompta reparação o seu adiantado estado de ruinas empreendi a edificação d'uma nova igreja, posto q. sem recursos de minha

parte e só confiando em Deus q. tudo pode, e ao mesmo tempo q. procurava dotá-la das indispensáveis alfaias, juntava os materiais necessários á sua construção. De feito, a 3 de outubro de 1869 principi a demolir a referida capella, e conseguida a construção da nova igreja com mais largas proporções.

Suas dimensões são de 16 metros e 55 centímetros de frente, terminando na parte superior por um frontespício, com Cruz de ferro, e por duas torres aos lados com dous sinos". Além das imagens da "velha capellinha demolida" (entre as quais uma pequena de Nossa Senhora das Dôres, que ainda hoje se conserva na matriz, testemunha silenciosa da História da cidade), o vigário comprou outras em Lisboa e na França, entre elas a nova de Nossa Senhora das Dôres (medindo 1 metro e 50 centímetros, vinda de Portugal), tendo custado 586 mil réis ao seu doador, o negociante José Calasans de Souza. Também as imagens de Santo André e São Sebastião vieram da velha capela. (LIVRO DE TOMBO N. 1 - Aberto pelo primeiro vigário da Parochia, Cônego Augusto Cabral de Vasconcelos (1873) e encerrado a 19 de dezembro de 1919 (parochiato do terceiro Vigário, Pe. Henrique Vieira da Silva)(pp.1,lv.

O operoso pároco Cabral de Vasconcelos estendeu seus cuidados ao pequeno cemitério: "A pequena distancia d'esta Villa, e ao sudueste (sic) da mesma, está situado o cemiterio, medindo 56 metros e 85 centímetros de frente e 68 metros e 55 centímetros de fundo, com uma Capellinha na parte posterior, de 7 metros e 90 centímetros de comprimento sobre 5 metros e 45 centímetros de frente, sob a invocação de N. Senhora do Rosario, cuja imagem é a que foi Padroeira de uma outra capellinha q. aqui existio. Fr. Venancio Maria de Ferrara iniciou este cemiterio, em fins de 1876, deixando cheios seos alicerces, e por encher os da referida Capellinha.

Com a graça de Deus e auxilio de meos parochianos pude levar a effeito esta obra, ficando toda em branco e com um portão de ferro. Em virtude da autorização do Snr. Bispo D. Vital, foi bento por mim a 31 de Janeiro de 1877.

Seos moveis, obtidos por mim dos fieis, com os seos respectivos valores, constão da lista á pagina 3 v."

O zeloso padre fazia seu trabalho sob os olhos atentos das autoridades aclesiásticas. Intitulando-se "coadjutor da Matriz d'Itambé (sic), e actual capellão de Timbauba, da mesma freguezia", ôle pedia, ao Bispo de Olinda e Recife, autorização para demolir o resto da capela anterior, "pequena, de taipa" e "completamente arruinada", e com o material ajudar a completar a "capella-mor" então já erguida. O cônego Paiva, vigário-geral, consentia em despacho datado do Palácio da "Solidade" (sic) em 25 de agosto de 1870. Em 13 de dezembro de 1870 a mesma autoridade concedia, também a pedido, licença para "celebrar e administrar ahi os sacramentos até q. depois de prompta toda Igreja possa receber a benção prescripta pelos sagrados ritos". Em 17 de abril de 1875 o padre Augusto obtinha licença para demolir a capela de Nossa Senhora do Rosário, de origem imemorial, em tôrno da qual existia um cemitério onde teriam sido sepultados os pioneiros da colonização dos arredores. Sem grande solidez de construção, havia necessidade de derrubá-la, "pr. s'achar completame. ar ruinada" (sic). Ao mesmo tempo ôle obtinha consentimento para "benzer a primeira pedra da nova capella". Aí seria o novo cemitério. A figura extraordinária de Dom Frei Vital participava diretamente dêstes consentimentos, como então Bispo de Olinda e Recife, conforme autorização pessoal concedida em 31 de janeiro de 1877. (LIVRO DO TOMBO - Ob. cit. - pp. 5, 5v).

Falecido o cônego Augusto, vinha para o seu lugar o novo pároco, que se assinava J. Gonçal. (sic), o qual encontrou deserta a matriz: "tendo eu mesmo a provisão por falta de um parochio que me desse posse", no dia de Pentecostes de 1901, isto é, 26 de maio. (LIVRO DO TOMBO - Ob. cit. - p. 6v).

Em 16 de novembro do mesmo ano, o Arcebispo de Olinda e Recife fazia a sua visita pastoral, deixando no Livro do Tombo esta declaração: "Visitamos esta fraguesia de N. Sra. das Dores de Timbaúba, onde

encontramos tal affecto e manifestações de respeito, que não podemos frustrar-nos ao dever de aqui consignar nosso particular agradecimento ao Parocho Pe. Mrorçal (?), à Comissão e em geral a todos os Clerigos e povo.

Tivemos o prazer de admirar e louvar os trabalhos do finado Parocho, Conego Augusto Cabral de Vasconcelos, não só pela edificação da Matriz, bom templo, como pela limpeza e exatidão da sua escripturação, cujo vigor só esmorecia nos casos já de enfermidade do mesmo, pelo que autorisamos o actual P. Parocho a assignar os diversos tomos que estão por assignar.

Muito nos edificou a saudosa tradição dos habitantes desta freguezia, testemunhando o zelo dum velho servidor da Egreja.

Depois da procissão e exacto exame de todo serviço parochial, ordenamos o seguinte:

1° - O Parocho cuide immediatamente de haver os livros necessarios, para trazer em dia sua escripturação.

2° - Faça substituir por pedras sagradas as existentes, que não o são, bem como collocar corôas de espinhos nos Crucifixos, não só na Matriz como nas Capellas filiaes, que estão carecendo de melhores Zeladores, e nisto lhe oneramos as consciencias.

3° - Procurar angariar donativos entre os parochianos, que estamos certos, não lhe negarão, para obter uma pia de marmore para o baptisterio, fazendo a competente piscina, como verbalmente lhe explicamos.

4° - Cuide em obter paramentos correspondentes as (sic) dignidades do serviço divino, de accordo com esta freguezia tão florescente.

5° - Faça os pavilhões exigidos pelas rubricas para o Tabernaculo onde está o Ssm. Sacramento.

Para regular discriminação e guarda (sic) dos patrimonios das diversas Capellas filiaes, resolvemos nomear um (?), que se regulará pela Provisão que em tempo lhe remettermos.

Muito recomendaremos ao P. Parocho o serviço do Cathecismo aos pe

quenos e ignorantes, assim como a explicação do Evangelho nos dias de preceito.

E porque se acha encarregado de duas freguezias, cujas sedes eu acho tão próximas, que poderá sem grave encomodo servir, muito lhe recommendamos que o faça (?), como é de seu dever.

Embora nova é esta uma das mais importantes freguezias do Bispado, cuja fé tem sabido resistir às tentativas de invasão do protestantismo. Retirando-nos penhorados, aqui consignamos nossos agradecimentos e enviamos a todos de coração nossa benção em Nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo. Amen. Timbauba 16 de Novembro de 1901.

Luis, Bispo de Olinda". (LIVRO DO TOMBO -Ob. cit. - pp.7, 7v e 8).

Entre outros aspectos do depoimento escrito da visita pastoral de Dom Luís Raimundo da Silva Britto temos a destacar a penetração do Protestantismo, já tentada portanto em fins do século XIX e princípios do XX, e o reconhecimento da heróica atividade do vigário Augusto Cabral de Vasconcelos. Vemos assim que não constitui fenômeno de masiado recente a marcha do Protestantismo das cidades para o campo.

Quanto ao primeiro pároco, escreve o jornalista Silvino Lopes em O PATRIARCA (Recife-1940): "O vigário Augusto era um bom, no rigor do termo. Trabalhava, falava, vivia e sorria cristãmente. Tendo sido o primeiro vigário de Timbaúba, fêz mais do que os fundadores: plantou a árvore do cristianismo. Com alguma coisa de Anchieta. Porque Timbaúba do seu tempo, dentro de uma incultura virgem, era um deserto de crença. O vigário não combateu os herejes porque êstes ainda não haviam aparecido, mas implantou a religião, dentro dos limites da antiga vila. Formou um sentimento católico, agindo, agindo, agindo em benefício do núcleo de população que começava a acolher-se á sombra da cruz". (pp. 69, 70).

Acrescenta o indiscreto e irônico Silvino Lopes: "O vigário Augusto, que era um alimentado espiritual, não desdenhava os quitutes. Dés sem-lhe um quarto de carneiro, assado, e êle ao prato se fazia. Precitava de ser forte, para investir contra o demônio. Falava ao povo

de Mocós, de També, de S. Vicente, com o mesmo ardor, talvez, com que Antônio de Pádua falou no Consistório, diante do Papa e Cardiais, em presença de homens de várias nações, isto é, grega, latina, francesa, alemã e slavos e ingleses.

E o Papa disse, ouvindo-o:

- Na verdade, êle é a Arca do Testamento e o armário da Escritura divina.

Bom para os ricos e para os pobres, para os velhos e as crianças. Vigário Augusto - voz consoladora dos que se debatiam na teia das necessidades, dos que se perdiam no emaranhado dos sofrimentos". (O PATRIARCA - Ob. cit. - p. 71).

O pároco Augusto Cabral de Vasconcelos pertencia assim àquêlo tipo de vigários rurais do Brasil, em particular do Nordeste, tão ligados ao meio que com êle se confundem, vendo-o crescer e passando a fazer parte inseparável d'êle próprio. É o caso clássico do discutido mas quase idolatrado padre Cícero Romão Batista, no Juazeiro do Norte, que êle encontrou em fins da centúria passada como um "pequeno núcleo", "com 12 casas de tijolos e 20 de taipa e palha". Ou o caso do padre Antônio Freire de Carvalho (1856-1908), primeiro pároco de Caruaru, e conhecido carinhosamente pela população como o "vigariinho", que embora não tivesse transformado a cidade numa Meca ou Jerusalém sertaneja, como Juazeiro do Norte, presenciou e ajudou intensamente o nascimento e expansão da segunda cidade do interior pernambucano.

Pobres e ignorados padres do interior do Brasil, raramente prósperos e famosos, ao contrário do que muita gente pensa !!! Recém-saídos dos Seminários, cheios de ardor evangélico, e exilados numa distante vila que êles vêem crescer, quase sempre sem recompensas materiais para êles próprios, isolados numa solidão inevitável de homem culto num meio primitivo e grosseiro, que êles ajudam a civilizar.

Esta a História de hoje e, com muito maior razão, a de ontem, quando os meios de comunicação eram muito mais precários. Não que

devessem êles buscar apenas o comodismo, mas que, pelo menos, encontrassem a gratidão humana que lhes falta, porque nem sempre a natural modéstia, ou mesmo a fraqueza de cada um, pode garantir o reconhecimento divino.

Timbaúba tem assim os seus patriarcas, os seus apóstolos e os seus heróis. Sem dúvida despidos da grandiloquência dos pioneiros que fizeram nações, mas integrados no corpo imenso dos que constroem o Brasil, espalhados pelos seus incontáveis povoados, ao lado das suas grandes metrópoles que também foram pequenas vilas.

A sua vida religiosa enquadra-se na perspectiva mais ampla do Social. De início sua paróquia dependia da diocese e posterior arquidiocese de Olinda e Recife, mas a partir de 2 de agosto de 1918 passava à órbita da então recém-criada diocese de Nazaré da Mata, onde continua até hoje.

Os leigos também se arregimentavam. Em fins do século XIX, já funcionavam os vicentinos.

A República veio, sem trapeços, também para Timbaúba. O bel. General Ferreira Lima, nosso prezado amigo, possui o original do seguinte telegrama, que resume o fato ali: "Hontem 8 e 30 da noite general Cerqueira Lima aderiu e proclamou República. Hoje nomeado Chefe Polícia interino. Recomendo-lhe manutenção da ordem. O Chefe de Policia interino Ignacio Martins Junior". A data indicava: 18 de novembro de 1889.

A infiltração protestante, expressamente temida no depoimento escrito por Dom Luís de Britto, quando da sua visita pastoral de 1901 não tardou a efetuar-se.

Contam os mais velhos habitantes de Timbaúba que o primeiro pregador a aparecer por ali foi o batista Dr. Johnson, outrota diretor do Colégio Americano Batista do Recife. Um tal "sr. Serafim" parece ter sido o seu primeiro adepto no lugar. Segundo depoimentos orais êle "sofreu perseguições lá para fins do século passado, dand

margem à impossibilidade de então os Batistas congregarem-se em Timbaúba". Inclusive parece que os fanáticos chegaram a incendiar "um partido de cana" numa sua propriedade e a darem-lhe uma surra. Por outros motivos veio êle a falecer: "Morrendo êste senhor, sua família permaneceu em Timbaúba, porém não falava, vivendo calada e não pregando o Evangelho".

Doutra feita um negro metido a gaiato lançou um urubu no meio de uma reunião de preces dos protestantes, gritando: "Óia o divino Espírito Santo !!! ..."

Noutra ocasião escreve A SERRA, tradicional jornal local, talvez exagerando um pouco o episódio: "Na ultima quinta-feira chegou-nos a noticia de que no povoado de Cruangi deste municipio, se tentara pertubar um culto protestante, que ali se fazia sob a direção de um ministro evangelico, vindo do Recife.

Para a grave irregularidade teriam concorrido o vigario daquela freguezia, Padre Manoel Guedes e o agricultor alli tambem domiciliado, Sr. Francisco Xavier de Moraes Cotinho (sic). Noticiando o presente facto criminozo, o que fazemos sob as devidas reservas, por não nos terem chegado ainda as precisas e completas informações, desde agora lavramos bem alto contra elle o nosso energico protesto, em nome dos principios liberaes e republicanos que cultivamos e acatamos, sem fanatismo mas com dedicação e amor". (28 de junho de 1913).

São atritos freqüentes no interior brasileiro, ou mesmo em qualquer local do mundo onde uma seita religiosa dominou sòzinha durante muito tempo e que vê acabar seu monopólio com a presença de estranhos. Atritos aliás que nunca chegaram a dar margem a tragédias em Timbaúba, limitando-se a conflitos limitados, sem maiores consequências.

Hoje, de compreensíveis preconceitos do meio católico, pois quando a maioria da população é protestante também tem os seus preconceitos contra os católicos - conforme vimos pessoalmente no país de Gales ("Walles") da Grã-Bretanha - podem os chamados evangélicos desenvolver em paz o seu trabalho.

O município de Timbaúba conta com 3 templos protestantes, das seguintes denominações: Batista, Congregacional e Assembléia de Deus, conforme enumera o "Anuário Estatístico de Pernambuco" (Ano XVI - 1958)(pp. 187-188).

Como em quase todo o Brasil, também em Timbaúba, Religião mistura-se com Folclore. Além das festas da padroeira, Nossa Senhora das Lóres, comemoram-se evidentemente o Natal, Ano Novo, São João, São Pedro e Santana.

Num fenômeno comum ao resto do país, e talvez do mundo, o culto religioso liga-se mais de perto à vida social nem sempre contando com divertimentos frequentes, sobretudo entre as camadas mais pobres da população.

A vida social, no sentido total da palavra, não se apresenta medíocre numa cidade média do interior brasileiro. Sua riqueza humana de tipos, seu amor à terra, tudo isto contribui para expandir as comuns interioranas. Timbaúba não foge à regra. Confirma-a em ponto grande, pois o seu povo é sóbrio e cioso da sua História, quase bairrista ...

Os brios timbaubenses ajudam imensamente o seu progresso. Oxalá todo município brasileiro os possuíssem em igual intensidade.

Afirmam os que visitaram a comuna em fins do século passado que ali não havia, então, luz elétrica: os lampiões, e seus acendedores imortalizados por Jorge de Lima, iluminavam as ruas sem calçamento, sem logradouros a quebrar-lhes a monotonia. Em Mocós nem isto. Tudo ali ficava às escuras, pontilhada por alguns lampiões domésticos, alimentados a álcool. O povo, entretanto, já era brioso, ativo, ambicioso mesmo, no bom sentido. Funcionavam pequenas e pobres escolas, como a de Dona Mariana, em Mocósinho, ou a do professor Benedito em Timbaúba. Depois veio o colégio do Dr. Manoel Farias.

Os clubes dançantes sucediam-se, animando o "café-society" da época. Os Serradores e Espanadores fizeram época. Em seguida Invisíveis e Mão Rubra. Clubes visitantes, indo de casa em casa: cantando comendo e bebendo ...

Outros centros surgiam: a Liga Littero-Atlética, de princípios dês te século. Mais adiante o Timbaúba Sport Club.

Jáder de Andrade, interessantíssima figura de chefe político interiorano, com um prestígio transbordando os limites do município, conforme mostraremos adiante, participava e estimulava os divertimentos sociais sadios. Succediam-se as peças teatrais e as pequenas operetas; Terra dos Mocós, É isso mesmo ..., etc.

No cino-teatro "Recreios Benjamin", inspirado por Jáder, desenvolvia-se boa parte do movimento da ribalta timbaubense. Com os seus brios peculiares, escrevia um habitante da cidade em 1924: "Hoje temos um teathro, que se pode considerar o melhor do interior do Estado, com tudo quando é necessário para se fazer qualquer representação. Mas não temos artistas, não temos amadores, não temos elementos outros que facilitem a encenação de qualquer peça.

Entretanto, com a representação da revista É ISSO MESMO..., Timbaúba marca mais um tento no seu trabalho de annos em favor do theatro. Para o realce maior da premiére (sic) de hoje, para o seu possível relevo, collaboram pessoas numerosas, entre as quaes, além de amigos e conterraneos, distinctas e exmas. familias, que de bom grado consentiram que as suas creanças viessem ajudar-nos para o fim que almejamos.

É ISSO MESMO ... é um trabalho modesto e sem pretenções. Foi feito para divertir alguns momentos.

Se elle não fizer rir, tambem não fará chorar. A nossa maior preocupação (sic) foi escoimal-o de piadas fortes, de phrases dubias, de interpretações duvidosas. Quizemos fazer graça sem offensa e espirito de malicia.

A revista que vai hoje á scena no "Recreios Benjamin" representa, nada mais nada menos, o esforço até certo ponto efficiente de quantos lhe emprestaram uma parcella de sua intelligencia: os que fizeram a lettra, os que fizeram a musica, os que pintaram os scenarios, os que vão representar os differentes papeis. Ainda mais: tudo o que

se vai ver hoje é nosso, com excepção de alguns scenarios. É nossa a letra, é nossa a musica, são nossos os amadores. Tudo foi feito em Timbauba, com os recursos de que dispomos, intellectuaes e materiaes

Se a revista agradar, ficaremos contentes e isto nos estimulará para novas tentativas; se não agradar, nem por isso desanimaremos. Resta-nos o consolo de ser Timbauba talvez a unica no interior do Estado, que se preocupa com o theatro. No Recife, onde os elementos de todo o genero são valiosissimos, o theatro continua apenas para exhibições cinematographicas ... Arte de representar propriamente dita, só quando vem de fóra ... No Recife já não ha artistas dramaticos, nem amadores, nem theatrologos ... Os que conhecem as difficuldades a suprimir para taes tentativas, poderão ver na representação de hoje a somma de esforço que dispendemos, devendo relevar as falhas, os senões, os defeitos, de que deverá estar repleta.

E quantos forem ver É ISSO MESMO... não esperem admirar um trabalho de arte, porque vão assistir um arremedo de representação.

Se assim mesmo não lhes desagradar, melhor para nós, melhor para todos..." (in TIMBAUBA-CHIC - 20 de setembro de 1924).

Apresentação modesta e irônica, com o traço do estilo de Jäder. E também com a sua profunda verdade sobre o teatro pernambucano da época.

De qualquer maneira reconhecemos ter sido intensa e larga a vida teatral timbaubense: peças, revistas, operetas, danças. Tudo, ou quase tudo, animado por Jäder de Andrade.

O município integrava-se cada vez mais na vida pernambucana. Passara-se o tempo da marcha, em lombo de cavalo, durante três dias, de Timbaúba a Recife. Já chegara o trem.

Afirma Silvino Lopes, no livro O PATRIARCA, ter ficado o célebre conselheiro João Alfredo, "baluarte da lei Áurea", contra a extensão da ferrovia de Nazaré a Timbaúba. Apesar disso comprometia-se, por escrito, "The Great Western of Brazil Railway Company Ltd.", em levar a efeito o sonho da maioria dos timbaubenses: "Aos trinta e um dias

do mês de Maio do ano de mil oitocentos e oitenta e dois, no paço da Câmara Municipal desta vila de Timbauba, achando-se presentes os Vereadores José Barbosa Pereira de Andrade, Presidente da Câmara, Capitão Francisco Cabral de Melo Cavalcanti, Antônio Gomes Pedrosa de Andrade, Manuel Gomes Cavalcanti, Antonio Francisco Coitinho de Lira e Francisco Rodrigues da Paixão, que compõem legalmente a Câmara e o representante da Companhia Great Western of Brazil Railway Limited, legitimamente acreditado neste Imperio Ailsa Johnson, acordaram no intuito de satisfazer as reclamações dos habitantes deste Municipio e de promover grande melhoramento do Comercio e da agricultura, em fazer o seguinte Contrato: Art. 1º A Companhia The Great Western of Brazil Railway Limited se compromete a construir uma estrada de ferro municipal que, partindo das imediações do lugar denominado Caueira, limite deste Municipio com o de Nazaré, venha terminar nesta Vila de Timbauba, sujeitando-se dita Companhia a observar todas as clausulas de seu contrato relativo á linha principal e ramal de Nazaré naquilo que lhe for applicavel. Art. 2º A Câmara Municipal, fundada nos arts. 47 e 66, paragrafo 6, 10 e outros da lei de 1º de Outubro de 1828, se comprometem a ceder todos os favores que pela mesma Lei puder dispensar e facilitar na forma das leis existentes sobre desapropriações municipais. Art. 3º A Câmara Municipal pedirá a solicitude do Governo Provincial e auxilio para as desapropriações provinciais e solicitará do Governo Geral os favores do Regulamento baixado com o decreto numero cinco miõ quinhentos e sessenta e um, de vinte e oito de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e quatro, menos a subvenção de garantia de juros. No caso de serem concedidos os favores do Regulamento de vinte e oito de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e quatro, o Governo Geral terá a fiscalização que lhe compete. E de como ambas as partes contratantes estão firmes no que fica estipulado, determinou a Câmara que se lavrasse no livro competente o presente termo no qual todos se assinam.

Eu, Ismael Felicio da Cunha Biláu Filho, Secretario Interino da Câmara, o escrevi.

(aa) O Presidente da Câmara, José Barbosa Pereira d'Andrade.

Francisco Cabral de Melo Cavalcanti.

Antonio Gomes Pedrosa de Andrade.

Manoel Gomes Cavalcanti.

Antonio Francisco Coitinho de Lira.

Francisco Rodrigues da Paixão.

Ailsa Janson (sic), engenheiro residente e representante da Companhia". (Apud O PATRIARCA - Ob. cit. - pp. 107, 108, 109).

Chegou, enfim, o dia suspirado. O trem atingiu o município timbaubense: "E a linha chegou até Mocós. Dia de júbilo, com a cidade embandeirada e foguetes estourando no espaço. Banda de música tocando. Na igreja, uma cerimônia religiosa. Para assistir á inauguração, além do presidente da Província viam-se inúmeras pessoas do Recife" . "Quando a locomotiva apitou, lá pelas imediações de Mocós Velhos, o povo ficou bestializado, aos abraços nas ruas, projetando viagens. Estava vencido, sem luta, o bonzo taciturno. (João Alfredo).

Ano de 1888."

"O trem devia de continuar a sua marcha, rasgando terras, Paraíba a-dentro.

Começou-se, então, a falar na continuação da ferrovia até Pilar. Apareceu um empreiteiro - o dr. Joaquim de Sá Cavalcanti. Sulipas foram se estendendo pela nova estrada. Surgiram os trilhos, e a coisa ia animada quando o governo do Estado mandou sustar as obras. Trilhos e sulipas foram arrancadas, mas, a tenacidade é tudo. Voltaram sulipas e trilhos, e lá se foi o trem". (O PATRIARCA - Ob. cit. - pp.104, 105).

A estação ferroviária tinha sido erguida pouco antes. Os trilhos seguiram-se, atingindo e transpondo os limites do município.

Ao chegar a passagem do século (1899-1900) Timbaúba podia comemorar, com emoção, o fato. A cidade crescia, projetava-se. Muitos discursos, festas, lágrimas...

Trabalho e vida mundana integravam-se.

Por volta da década de 20 até as operárias da fábrica de palitos Laborema podiam também cantar com ingênuo e honesto orgulho timbaubense:

"Paliteiras, paliteiras,
Operárias sim senhor.
Somos nós as paliteiras,
Pioneiras do labor."

A animação estendia-se a Cruanji, distrito cioso do seu passado, tão antigo quanto o de Mocós, e mais profundo que o da sede.

Atestam os mais velhos que lá também havia o teatro, a dança a retreta. Realmente, o povo dos arredores vivia igualmente o "fin de siècle", a "belle époque", inclusive um pouco mais longa que noutros países, indo às vésperas da revolução de 30...

As comemorações do centenário da independência nacional levaram a Timbaúba o governador Sérgio Loreto. Fastígio do prestígio de Jáder na chamada "república velha".

O saneamento urbano melhorava: instalava-se uma rede de fossas de um modelo mais novo e higiênico.

A vida passava feliz. Com alguns tropeços políticos. Embora a população rural permanecesse obscura e ignorada, e o progresso não tivesse o diapásão de hoje. A cidade tinha também os seus tipos populares, como qualquer metrópole: "Point-à-jour" (com êste apelido por ter sido surpreendido ajudando tal espécie de bordado da sua esposa), "Mestre Amaro" (sapateiro e músico, entre outras coisas, e que teve um entêrro maior que o de muita gente graúda), etc, etc...

A economia do município se não lhe dava foros de maior prestígio no estado de Pernambuco e no Brasil em geral, pelo menos fornecia, e fornece ainda, possibilidade de quase todos terem trabalho. Os engenhos e a usina de açúcar (localizada em Cruanji), o artesanato das redes de Mocós, a indústria quase artesanal de sapatos, a fábrica de palitos, a lavoura modesta, tudo enfim, dá margem a Timbaúba crer no futuro e projetar-se desde já entre os municípios dos arredores.

Exageraríamos se o comparássemos a outros, do porte de Caruaru ou Campina Grande, para falar apenas no Nordeste, Mas acertaríamos se frisássemos a sua sobriedade simpática e otimista, refletindo-se na disposição do povo em fazê-lo melhorar cada vez mais, a ponto de, em 1957, empreender, através da sua administração municipal, a experiência da "Operação Timbaúba", visando aparelhar melhor o lugar e preparar-se para os dias vindouros, de maneira planejada. Tentativa de cujo êxito, ocorrido em grande parte, dependeu principalmente a sua classificação como um dos municípios brasileiros de maior crescimento em 1958, conforme critérios da Associação Brasileira dos Municípios. Naquêle ano foi então Timbaúba para as "manchettes" dos jornais e revistas de todo o Brasil, sendo o seu então prefeito Ferreira Lima Filho recebido pelo próprio presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Desde 1920, mais ou menos, que ali funciona de modo regular o fornecimento de energia elétrica. O sistema anterior era absoluto e insatisfatório: "A iluminação pública, deficiente e anachronica como ainda a temos, empresta à cidade, quando à noite, um aspecto soturno triste, infelicissimo..." "...a ideia de dotar Timbaúba com uma instalação elétrica ainda mais depressa se impõe". (A SERRA - 30 de setembro de 1916). Em 1951, o serviço de abastecimento d'água foi inaugurado.

Timbaúba pode ser assim orgulhosa dos seus feitos e dos seus filhos, dentro das proporções naturais de cidade do interior, no que esta expressão encerra de mais poético e progressista. Entre os timbaubenses, de nascimento ou de coração, conhecidos fora das fronteiras de Pernambuco, podemos apontar: sacerdotes católicos como o cônego Alfredo Xavier Pedrosa (membro da Academia Pernambucana de Letras); os padres Daniel Lima (professor universitário no Recife) e Álvaro Negromente (famoso em todo o Brasil por seus livros de Religião e Pedagogia); e o ex-bispo de Cajazeiras e atual de Ribeirão Preto (São Paulo), dom Luís Mousinho. Médicos como Durval Lucena,

lente da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife. Ou como os antigos Antônio Miguel de Araújo, José Evaristo da Costa Gondim e José de Assunção (homeopata); fiéis ao interior em sua longa permanência heróica. Jornalistas como Carlos Pereira de Lira Filho, outrora diretor do DIÁRIO DE PERNAMBUCO, o mais velho jornal da América Latina; ou como Odorico Tavares, hoje residindo na Bahia e figura de destaque nacional nos Diários Associados. Ou como também Isnar de Moura, militando com brilho na imprensa recifense. Enfim: a lista não termina aí. Apresenta engenheiros de destaque de Lauro Borba ou políticos da projeção do deputado estadual José Francisco de Melo Cavalcanti, ex-presidente da Assembléia Legislativa de Pernambuco. Se acrescentarmos outros, nascidos em terras antes pertencentes ao município, hoje desligadas, teremos inclusive um ex-governador de Pernambuco: Manuel Borba.

Todos com o seu grau de prestígio, não faltando magistrados, do porte de Pedro Montenegro, atual presidente do Tribunal Regional do Trabalho, em Pernambuco.

Há também os que ficaram, sem se deixar seduzir pelas luzes das metrópoles. Médicos, professoras primárias (Nô - João Batista de Melo Júnior -, Joana e Ana Lira, etc), funcionários públicos, fazendeiros e outros, que devotaram sua vida ao anônimo trabalho municipal no interior.

Se a vida corria suavemente nêstes planos da existência, o mesmo não sucedia sempre na política.

Timbaúba continuava progredindo desde meados e fins do século passado. Em 3 de maio de 1913 o jornal A SERRA, em editorial intitulado "Pro Timbaúba", escrevia que Timbaúba é hoje "um nucleo sem grande nome; mas começa-se a fazer-lhe uma propaganda insistente, a dar-se - -lhe uma fama desproporcional, e depressa o logarejo vai crescendo de facto - qualquer coisa de semelhante a esses individuos que se entumescem e se avolumam com as lisonjas".

A frase encerra um certo amargor e pessimismo.

Entretanto inúmeras batalhas construtivas foram lideradas pela im prensa timbaubense, pioneira em mais de um ponto de vista no interior nordestino, embora através de uma linguagem rebuscada e enfática, muito comum no meio de então,

A respeito de melhoramentos urbanos assim, por exemplo, expressava-se A SERRA: "A luz deve ser o início do nosso combate em favor dos melhoramentos desta cidade, que tanto estimamos e que tão sinceramente desejamos ver à altura de uma urbs adeantada, e consequentemente feliz". (8/3/1913).

Sôbre a educação afirmava: "Prosseguindo as modestas considerações que estas columnas têm abrigado a respeito dos problemas que interessam ao levantamento moral e material da nossa pequenina patria timbaubense, não podemos e não devemos esquecer a Instrução, base firme de todas as aspirações sociaes, alicerce grandioso de onde partem e onde repousam os grandes progressos da Humanidade". (29/3/1913).

Mais adiante: "Entre os problemas capitaes para onde tenha de olhar a visão perscrutadora dos administradores dignos deste nome, a Hygiene ocupa, talvez, o primeiro e o mais importante dos logares". (15/3/1913). No ano seguinte, porém, as epidemias, tão comuns no Brasil de início d'êste século, continuavam a ocorrer: "Registramos, cheios de toda a satisfação, que, em boa hora se acha completamente extinta nesta cidade a epidemia de variola, tendo já se fechado o pequeno hospital de izolamento e se retirado para o Recife a turma de desinfectadores..." (A SERRA - 22/2/1914).

O próprio problema religioso, tão agudo no tempo de Dom Vital, não pareceu atingir de modo profundo o ambiente de Timbaúba. A Loja Maçonica "Obreiros do Norte" mantinha uma "escola nocturna para ensino primario", no prédio mesmo da Loja, no Pátio da Matriz, n° 18.

O Govêrno, a Igreja e os particulares uniam-se no incentivo à instrução pública.

Os "Obreiros do Norte" reuniam, na sua diretoria eleita e empossa

da em 1913, o que havia de mais destacado na sua vida local:

Venerável - Dr. Soriano de Souza (Juiz de Direito, filho de um professor catedrático da tradicional Faculdade de Direito da Universidade do Recife e pai de um futuro professor também catedrático na mesma escola, José Soriano de Souza Neto, que chegaria a Vice-Reitor da Universidade do Recife);

1º Vigilante - Alfredo Jansen Ferreira;

2º Vigilante - Tertuliano Lima;

Orador - José Antônio de Lima;

Adjunto - Jäder de Andrade (chefe político local, futuro secretário de Estado, deputado e jornalista);

Secretário - Augusto Rezende;

Adjunto - Maurício Moura;

Tesoureiro - José de Souza Pacheco;

Adjunto - Luiz Lira. (A SERRA - 10/5/1913).

O seu prestígio afirmava-se com vigor no âmbito timbaubense, a ponto de, nas festas locais, noticiar A SERRA: "Vimos tremulando a bandeira nacional na fachada do Conselho Municipal, da Liga Littero Athletica e da Loja Maçonica "Obreiros do Norte"". (17/5/1913).

Já em 1913 o mesmo órgão publicava o seguinte edital: "... por proposta do Conselheiro João Leitão de Mello" foi homologada a seguinte lei:

"Art. 1 - Fica o Prefeito deste Municipio auctorisado a contractar com quem melhores vantagens offerecer o serviço de illuminação electrica da cidade.

Art. 2 - Para execução da presente lei, o Prefeito abrirá concorrência publica, por edital publicado pela imprensa.

Art. 3 - Para garantia do respectivo contrato poderá dar em caução o rendimento dos impostos de qualquer uma das tabellas do Orçamento vigente.

Art. 4 - Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Sessões do Conselho Municipal, em 15 de Maio de 1913.

Ass) João Leitão de Mello". (17/5/1913).

Tantas inovações não satisfaziam o povo, sempre desejoso de maiores avanços. A SERRA, ainda do mesmo dia, escrevia em artigo de fundo: "Nesta cidade, ha, talvez, faltas, ha lacunas, ha necessidades igualmente imprescindiveis; nenhuma, porem, mais imprescindivel e mais urgente do que a necessidade de um Theatro, condizendo com o relativo adeantamento do nosso desenvolvimento moral e material". Acrescenta que construiria a casa de espetáculos a actual administração se não estivesse a findar o seu período de govêrno, mas mesmo assim, ela desapropriará o terreno para que a Timbaúba está a exigir.

Apesar de tantos progressos, A SERRA noticiava ainda, em 1913(24/5): "Compete à Prefeitura Municipal dar pela ação dos seus fiscaes uma prompta e energica providencia no sentido de ter um fim immediato a pratica, ha longos annos em uso nesta cidade de se tratare, cavallos e outros animaes sob toldos ou palhoças, armadas em pleno coração da cidade, com grande prejuizo dos nossos foros de povoação adeantada e hygienica e principalmente com grande incommodo para aqueles a quem a má sorte collocou na visinhança de taes hospedarias".

Enfim: Timbaúba crescia, mas guardando, como continua a guardar hoje, a fisionomia simplória de cidade do interior.

Sua tranquilidade era rompida por fatos esporádicos. Um dêles os assaltos de cangaceiros: "Antônio Silvino e o seu grupo, mais uma vez penetraram neste município, durante a corrente semana.

Os celebres criminosos, no dia 24 do corrente, visitaram o engenho "Paquevira" de propriedade do nosso particular amigo sr. coronel José Borba, de quem, felizmente sem violencia, exigiram uma quota em dinheiro.

Avisada a policia deste municipio, o sr. alferes delegado não pôde agir na altura do facto, devido à exiguidade da guarnição policia desta cidade que está reduzida a 6 ou 7 soldados.

O dr. chefe de Policia teve immediata comunicação do caso, por parte da auctoridade policial deste municipio". (A SERRA - 28/6/1913

À medida que nos aproximamos da revolução nacional de 1930, o am-

biente político de Timbaúba vai começando a ferver.

A SERRA, órgão tradicional de Jäder de Andrade, comentava melancolicamente o desfecho do govêrno do general Dantas Barreto em Pernambuco: "Embarcou para o Rio o sr. general Dantas Barreto, ex-governador do Estado. Os seus amigos daqui, fizeram-lhe manifestações á sahida, menores, incomparavelmente menores, ás de sua chegada, ha quatro annos, a esta invicta Mauricéa, mas em todo caso manifestações. Os seus amigos do Rio prepararam-lhe tambem ovações ao regressar s. exc. á capital federal.

Do carater das manifestações de despedida que o sr. Dantas Barreto recebeu agora, comparadas áquellas efervescentes e estrondosas de 1911, se pode inferir que houve alguma cousa de desillusão esvaida, na alma do povo. Quando elle chegou, com elle, vinham a salvação, o correctivo de todos os abusos, o deus providencial mandado por Jupiter (naquelle tempo o sr. Marechal Hermes) para socegar os clamores erguidos deste vasto paul onde nós outros -, outras tantas rãs da fábula - imprecavamos aos ceus a vinda de um boi-rei.

E o rei veio, como na narrativa grega. Si bem que de todo não igual ao soberano mandado aos impacientes animalejos da Thracia, o sr. Dantas deixou-nos em certas cousas, sulcos bem tristes.

Não vale a pena recordar aqui quaes sejam elles; estão na consciencia de todos.

O "Diario" os descreveu, no seu bello e justo editorial - Um governo que finda.

Esse artigo ha de ter sido lido ahi; elle é bem o balanço da administração passada. Lá temos o que ha de bom e o que de mau foi praticado, o activo e o passivo, descriminado com imparcialidade e critério.

Ao sr. Dantas Barreto, desejamos boa viagem..." (1/1/1916).

"Sic transit gloria mundi" ...

Entretanto o pior ainda estaria por vir.

Aproximava-se a década de 30.

Os Andrades, encabeçados então por Jäder, dominavam desde muitos anos a política municipal, com repercussões na estadual. A derrubada das oligarquias locais, e sua substituição quase sempre por outras, iria ter lugar com a revolução, que apesar dos pesares, começou uma era nova para o Brasil, cujas qualidades e defeitos cada um julgue.

Oswaldo Aranha revela-se um entusiasta de 30, em que ele foi um dos maiores artífices: "A campanha da Aliança Liberal foi um episódio similar ao da independência, ao da libertação dos escravos e maior que o da República. Pela sua extensão e profundidade não foi um movimento político, mas uma crise de opinião, uma reacção nacional, uma transformação social. Só os cegos não viram na sombra da luta o ma drugar de uma ^{nova} jornada. A ignorância e a cupidez dos governos, nos mu nicipios, nos Estados, na União, tinham alluido os alicerces da vontade popular, afastando a cooperação dos bons, impondo o predomínio dos maus". "Como todos os movimentos, o nosso teve grandezas e misérias. Foi, mesmo assim, o maior movimento cívico da história brasileira. A todos excedeu, sob todos os aspectos, político, militar, mo ral e nacional.

Revelou o Brasil nas suas verdadeiras proporções, desviando o cur so da sua vida e da sua história. Só o futuro dirá da sua grandeza real. Não podemos julgar mas podemos prever. Eu, por mim, não quero ser juiz nem profeta. Deixo aos demais". ("À guisa de prefácio", in OUTUBRO, 1930, de Virgílio A. de Mello Franco, Rio de Janeiro, 1931, pp. 15 e 17).

Opinião bem diversa expressa o general Pedro Aurélio de Góes Monteiro: "Há pouco, comentando os últimos acontecimentos políticos do País com o meu amigo Oswaldo Aranha, disse-lhe que jamais havia renegado a Revolução de 30, mas que, agora, com o pé na sepultura, iria declarar que possuía um grande remorso - o de ter contribuído para a infelicidade da minha Pátria e também da minha Classe. O meu amigo protestou, dizendo que eu devia ter orgulho do que tinha feito, pois o que havia de mal no Brasil era a celebrada "crise de crescimento"

e que tudo o mais ia bem. Não concordei e continuo a não concordar. Desolado, cheguei à conclusão de que a Revolução de 30 foi um sacrifício em vão, porque uma inutilidade". (O GENERAL GÓES DEPÕE... - Lou^{is}rival Coutinho - Rio de Janeiro - 1955 - p. 542).

Enfim: o leitor que também julgue ...

Em Timbaúba houve em 30 um protótipo bem expressivo do que se passou em centenas de outras comunas brasileiras.

A chamada "República velha" tinha ali suas raízes bem profundas. Jáder de Andrade, contudo, impunha uma forma original de liderança, sem excessos de violência feudal. Ele não era um "coronel" como os que existem ainda habitualmente no país. Apesar dos seus erros, com^otidos sem dúvida por sua própria índole humana, continua sua memória estimada por gregos e troianos. A propósito escreve o jornalista pernambucano Aníbal Fernandes: "Essa Timbaúba ou Serra dos Mocós foi, naquêlo longínquo decênio do século, o laboratório de uma experiência de civilização - o contrário da chamada política de campanário - tentada pelo poeta Jáder de Andrade. Ele queria fazer da cidade um centro adiantado; com teatro, cinema, diversões, vida social; todos se sentindo bem, no meio onde nasceram; todos se considerando um tanto da mesma família. Atraía jornalistas, poetas, teatrólogos; fazia publicar um jornalzinho, que todo o mundo dizia ser o mais bem cuidado do interior do Brasil. Basta dizer que, durante um ano, foi seu diretor o jornalista Osvaldo Chateaubriand; depois, Leônidas de Oliveira, antigo redator d'A PROVINCIA; um dos mais finos humoristas, que teve a imprensa de Pernambuco.

Jáder de Andrade sentia-se feliz, rodeado de gente inteligente, bem humorada e espirituosa, sabendo rir; jamais ameaçando ninguém de tiro ou de faca; porque para êle um dito fino, um apelido ou uma que^{dr}inha de espírito valia tudo. Era um homem que gostava de rodear⁻se de amigos, conversar e dizer graças.

Havia um inglês, "bon vivant", contra-mestre ou gerente de sua fábrica de fios, com quem andava sempre. O coletor Zé Lima, pai do

padre Daniel Lima, era outro companheiro inseparável. Se havia cidade de Pernambuco, onde jamais se esperasse rebentar uma tragédia, Timbaúba era uma. Jáder montara um teatrinho "Recreios Benjamin", que era o cinema mais barato do Brasil; e onde, vez por outra, se encenavam pantomimas e farsas, para divertir o povo". (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 27 de agosto de 1959).

Garantido pela tradição e pelo dinheiro dos Andrades, Jáder fez sua carreira política de maneira diferente, como afirma muito bem Aníbal Fernandes. Em 5 de janeiro de 1929, noticiava A SERRA: "Convidado pelo exmo. sr. dr. Governador do Estado para o cargo de Secretário da Agricultura, Commercio, Industria, Viação e Obras Públicas de Pernambuco, o nosso prezado amigo sr. Jáder de Andrade foi quarta-feira ultima nomeado e no mesmo empossado na alta investidura que acaba de lhe ser confiada.

Ao transmittir-lhe o exercicio do cargo que vinha occupando interinamente, o sr. dr. Eurico Monteiro de Mattos, director da Repartição de Obras Públicas, teve palavras de felicitações para o novo secretario da Agricultura..."

Podemos acompanhar as lutas políticas que precederam a revolução de 1930 através dos debates entre os dois principais jornais de Timbaúba; A SERRA, dos Andrades, e o TIMBAÚBA-JORNAL dos Ferreira Lima

No dia 1º de fevereiro de 1930 A SERRA noticiava a passagem dos propagandistas adversários: "Visitou terça-feira ultima esta cidade uma parte da Caravana Liberal que veio do sul em propaganda politica sendo aqui festivamente recebida pelos seus correligionarios.

Foi-lhe oferecido um banquete na séde da "Liga Littero-Athletica". A fracção da caravana que esteve entre nós veio chefiada pelo deputado Baptista Luzardo".

E no mês seguinte: esteve na cidade "domingo ultimo" uma caravana do Partido Republicano de Pernambuco, "chefiada pelo dr. Joaquim Bandeira e da qual faziam parte os drs. Maviasel do Prado, Julião Neto, Anibal Fernandes, Matheus Vaz, Geraldo de Andrade e Humberto Ca

neiro". Houve comícios. (A SERRA - 1/3/1930).

Os Andrades não perdiam tempo na defesa da chamada "República velha": "Conforme estava anunciado, realizou-se domingo ultimo no Cine-Theatro Recreios Benjamin, a conferencia politica do nosso Hugo de Andrade.

Perante um auditorio de cerca de 2 mil pessoas, Hugo de Andrade fallou durante 45 minutos, fazendo o elogio dos candidatos nacionaes à presidencia e vice-presidencia da Republica..." (A SERRA-8/2/1930).

A chapa situacionista, estadual e federal, era apresentada pelo mesmo jornal: presidente da República, Júlio Prestes; vice, Vital Henrique Batista Soares; senador, José Maria Bello; deputados (1º distrito): Aníbal Freire da Fonseca, João Elycio de Castro Fonseca, Joaquim Dias Bandeira de Mello, Bianor de Medeiros, Archimedes de Oliveira e Souza, coronel Eduardo de Lima Castro (1/2/1930).

Os situacionistas sentiam-se tão seguros que escreviam: "Na categoria de lenda deve ficar a chamada Alliança Liberal...

Tem-se dito tudo; da Alliança e dos alliancistas. De bem e de mal, de exaltação e de ridiculo ... De ridiculo, principalmente, por causa das fanfarronadas; do exagero das exhibições; da demagogia barata e de outros elementos postos em pratica, que já sahiram da moda e não surtem mais efeito". (A SERRA - 25/1/1930).

O órgão da opposição, TIMBAÚBA-JORNAL, comandava a campanha anti-situacionista: "Com a mesma facilidade com que se transfere uma propriedade a um amigo ou parente, o exmo. dr. Washington Luis arrojase, de encontro aos principios constitucionaes do paiz, a impor "quero porque quero", o nome do seu illustre e intolerante pupilo, dr. Julio Prestes, á successão presidencial da republica, quando a sua autoridade de chefe do governo não lhe concedem direitos para tanto.

Dahi a discrepancia de dois dos mais prestigiosos Estados da União; Minas e Rio Grande do Sul, insophismavelmente duas forças difficeis de abater, associadas no momento para as mais brilhantes reinvi

dicações civicas neste immenso Brasil tão propicio á floração nefasta de profissionaes de uma politicalha sanhuda que ha muito o absorve, enfraquecendo-o e aviltando-o.

Hoje, accrescida da adhesão valiosissima do Partido Democrata Nacional, das opposições de todos os outros Estados e da valorosa Parahyba da qual não vale lembrar a pequenez territorial porque o seu valor não se mede a palmos; accrescida assim a corrente liberal cada vez mais se solidifica para aos prelios benditos em prol do respeito ao regimen, da verdade eleitoral, que agora nos parece ter de ser uma realidade, "queiram ou não queiram", pois outra coisa não tem sido entre nós, ou nos 17 Estados acocorados ás plantas do Cattete, senão a mais deslavada e revoltante "blague" de que ha memoria nestes 40 annos de vida republicana". (17/8/1929).

Ataques directos e recíprocos eram feitos entre os dois jornais municipais: "Certo despensariamos qualquer commentario a respeito das eleições do dia 30, si "A SERRA" (jornal de propaganda de uma firma commercial, creado para illaquear a boa fé do publico) circulasse apenas nesta cidade.

Pois, assim, se tornaria desnecessario dizermos qualquer coisa sobre o pleito, tal o testemunho do proprio povo para quem costumamos escrever.

Ella, entretanto, na sua missão de propagandista, se estende , vae muito longe, deixando talvez nos que desconhecem toda a serie de miserias aqui praticadas pelos situacionistas, talvez uma impresão bem differente da que deveria deixar si acaso agisse com sinceridade.

Já os nossos illustres confrêdes do "Diario da Manhã", da "A Noite" (sic) e do "Novidades", os quaes no decorrer das eleições se fizeram representar pelos distinctos jornalistas Jarbas Peixoto, Paulo Fernando, Armando Santos e Franco Leal, registraram minuciosamente o que se passou em Timbauba naquelle dia.

Todos viram a Tolerancia: em meio á estrada de Goyanna 6 praças embaladas; na de Tiuna, numa porteira em Mirador, 5 tambem embala-

das; na Cadeia e na delegacia, sahindo e entrando, de bernal ao lado e sempre embalados; de vez em quando um caminhão cheio de soldados apparecendo na cidade, cremos que em revesamento, com os que se encontravam nos locais citados, principalmente a villa de Cruangy que teve em cada esquina um soldado, afóra os que se conservavam bem proximos á secção eleitoral e os espalhados pelas estradas.

E ninguém ignora que tudo isto com o fim de implantar o terror, evitando a comparencia ás urnas, dos opposicionistas.

Não ficaram satisfeitos os situacionistas em ter conseguido, á custa de documentos fornecidos pela prefeitura e outras entidades, todos documentos capciosos, cento e tantas transferencias; (em Caturcá, onde a situação dispõe apenas de 8 eleitores; 3 da familia de um sr. Olympio de Tal, João Francisco da Costa, Manoel Ignacio Ferreira, Manoel José Ferreira e Edson Muniz, vimos 2 caminhões se encherem dos taes eleitores transferidos de Poço Comprido e outros lugares e que "continuam residindo" ainda por aquelles lados!) e ainda se puseram em campo, durante quase 20 dias antes da eleição, o delegado de policia, sempre acompanhado do 2º collecter estadual (que se tem reaffirmado um serviçal insubstituivel), escrivão, ou commissario e ordenança; todos aterrorisando o eleitorado humilde, ora ameaçando cadeia e bofetada, ora com augmento de impostos, etc quando não chegavam ao desplante de prometter ao eleitor opposicionista mandar "pisar-lhe os pés" pelo "cabra mais ordinario" assim que elle eleitor, apparecesse na cidade, afim de provar reacção e consequente cadeia; ou de dizerem claramente, como disse o delegado em Escalvadas, Socôgo, Santiago, Tiuna, Vunda e Recreio, mandar, no dia da eleição, piquetes de praças de policia para as estradas, com o fim de não consentirem passar eleitores da opposição, porque elle, delegado, mostraria como em Timbauba não um só borbista!

E como se viu, as estradas foram empiquetadas, causando isto o que antes dizia o delegado, enorme abstenção nos nossos eleitores, os quaes não deixaram de vir todos porque nos dispusemos ao que

"desse e viesse", indo buscá-los, custando a convencer os mais timidos de nada lhes succeder de mal, tanto que estavamos ao seu lado e promptos a passar pelas mesmas penas.

A semente estava bem plantada. O delegado conhece bem a indole pacifica do matuto timbaubense. Era difficil trazê-lo ás urnas.

Dez dias antes da eleição, a nossa "enorme cabala" consistiu em, de automovel, chegarmos um dia depois, onde andara o delegado ameaçando e insultando, para convencer os matutos de que não seria possível o cumprimento das ameaças porque o risco que corre o pau corre o machado..." " (TIMBAUBA - JORNAL - 6/10/1928).

Ataques directos visavam Jader de Andrade; no artigo intitulado "No feudo do senador Jader. Novos aspectos do pleito em Timbauba ", escrevia o mesmo TIMBAUBA-JORNAL: "O caso de Cruangy. Logo que eu penetrei o recinto da secção eleitoral de Cruangy, um individuo de rosto gravemente fechado, que tinha assento a mesa onde se presidiam os trabalhos, pediu a palavra pela ordem, e num movimento de curiosidade e surpresa todos os presentes ouviram suas palavras pesadas e lentas, despidas de preocupações gramaticaes.

O homem pediu ao presidente que mantivesse a attitude que mantivera até então.

O presidente fransiu os labios num sorriso subtil.

Elle conhece os caboclos da sua aldeia. E lhe não era estranha a psychologia do politiquêiro que falara pela ordem ...

Sorrio com serenidade e tolerancia. Num geito assim de quem manda ás favas o "bavardeur" pernostico e picuinheiro.

Eu tinha visto aquella tagarella de rosto sizudo e voz impressiva e grave na noute de sabbado, num cabaré do senador Jader, "Bar Laboremos". Por isso não era estranha sua phisionomia.

Todavia, surprehendeu-me o aspecto severo com que o homem alegre do cabaré surgio aos meus olhos espantados com um dos valores mais representativos da politica do senhor Jader de Andrade".(13/10/1928).

Os ânímos foram se exaltando; Escrevia, em 16/2/1929, ainda no

TIMBAUBA-JORNAL, Abdias Cabral de Moura, em artigo intitulado "A terra que Deus esqueceu": "Entretanto em Timbauba continuam os horrores politicos, com perseguições a politicos opposicionistas, transferencias de funcionarios vitalicios para São Vicente, demissões de empregados da Prefeitura, inclusive Antonio Pessoa com 17 annos de serviço, a prisão do dr. Antonio Galvão Cavalcanti, agente da Ford, que foi escoltado por praças humilhantemente, para a cadeia, etc.

Veio a renuncia e rompimento do sr. Silvano Mendes da Silva, conselheiro municipal, commerciante e velho politico da situação ali dominante desde 1911. Sopitei a revolta que esses factos foram provocando, até hontem. Os ultimos actos da situação politica dominante em Timbauba, chefiada pelo sr. João de Andrade Sobrinho, fazem-me, porem, quebrar esse silencio voluntario para vir pelo "Combate", valvula por onde escaparão os gemidos do povo faminto e soffredor, protestar em nome da lei, da justiça, da logica, da equidade, da humanidade, contra o que se está passando na Captivopolis pernambucana".

Tudo isto, antes transcrito, muito comum nas apaixonadas eleições brasileiras. Sobretudo no interior. Contudo, agora se passava algo diferente: marchava uma revolução, que viria abalar o Brasil.

Repercutiu profundamente em Timbaúba o seguinte "Manifesto da Alliança Liberal à Nação", transcrito no TIMBAUBA-JORNAL: "A Comissão Executiva da Alliança Liberal, reunida depois dos tragicos acontecimentos desenrolados hoje na Camara dos deputados, sente-se na necesidade de dirigir a palavra ao povo brasileiro afim de precisar os factos e fixar as suas responsabilidades.

A falta de sessões na Camara levou os deputados filiados á Alliança ao recurso de falarem á população carioca das escadarias da mesma casa do Congresso.

Sem duvida, o procedimento da Alliança era, sob todos os aspec-tos, leigitimo e tinha por si as garantias da Constituição e das leis ordinarias do paiz.

A prova da legitimidade dessa attitude está em que nem a mesa da

Camara nem a policia tomaram nenhuma providencia contraria á realizaçãõ dos meetings.

No dia 22 era corrente na Camara que as galerias estariam repletas de individuos identificados na policia ali destacados para o fim de vaiarem o orador opposicionista que occupasse a tribuna e assassinarem uma das figuras mais destacadas da Alliança Liberal.

Não houve sessão ainda neste dia. Os capangas, foram para a frente do edificio da Camara e alli aguardaram a realizaçãõ do comicio liberal. Os deputados da minoria dirigiram então a palavra ao povo numa athmosphera pesada de ameaças, achincalhados pela capangagem que fazia uso das palavras mais offensivas á propria dignidade da minoria.

No local não appareceu um só agente da segurança publica para examinar a situaçãõ creada pelos acontecimentos.

Visivel era a intensãõ de amedrontar, de amesquinhar, de achincalhar, a minoria, levando-a a desistir da realizaçãõ dos meetings.

Em face do occorrido uma comissãõ composta dos srs. Simões Lopes, Antonio Massa e Geraldo Vianna procurou no dia seguinte, o ministro da Justiça a quem entregou uma carta reclamando providencias.

Como se vê pelos termos desse documento, a direcçãõ da Alliança Liberal, preocupada com o rumo que os acontecimentos estavam tomando, chamou a tempo opportuno a attençãõ do ministro da Justiça para a indisfarçavel gravidade da situaçãõ.

Em resposta, o sr. ministro prometeu que faria manter a ordem.

Pois nesse mesmo dia, á hora do costume, os mesmos capangas interrompiam, com os mais grasseiros insultos, os oradores da Alliança Liberal !

Era claro aos olhos de toda gente que a policia não tomaria nenhuma providencia para evitar que individuos da ralé social affrontassem e agredissem e, sendo possivel, trucidassem os representantes da Nação alliados a (sic) Alliança.

Ninguem, portanto, seria capaz de exculpar (sic) a policia, o mi

nistro da Justiça e o proprio presidente da Republica dos gravissimos acontecimentos que se estavam desenrolando á porta da Camara.

Dirão que, prevendo esses acontecimentos, como os previu, caberia á Alliança Liberal interromper os seus comicios, Mas se nós vivemos num paiz civilizado em que a liberdade da palavra está assegurada nas leis, esse não seria o recurso para contornar a gravidade da situação, mesmo porque as provocações dos capangas não visam, no fundo, outro fim senão amedrontar os deputados da minoria para os obrigar a fugir dos comicios e impor-lhes o silencio pelo terror.

Assim sendo, não nos caberia outro procedimento sinão (sic)do insistir na realização dos meetings expondo-se os nossos oradores ás infamias dos agentes provocadores, e, dum momento para outro, ás suas balas assassinas.

Hoje, com effeito, os acontecimentos assumiram extremos perigosos. Apenas iniciado o comicio, os mesmos capangas reincidiram nas provocações e passaram das ameaças do seu imundo vocabulario á acção de varios tiros que foram disparados contra nós!

Mas nenhuma prisão foi effetuada pela policia !

No discurso que então proferiu, o deputado Baptista Luzardo exortou ao presidente da Camara e ao leader da maioria a que, com a sua autoridade funcional e ao outro com o seu prestigio politico, acabassem com aquellas scenas humilhantes, não concordando com os achincalhos atirados aos representantes da Nação.

Era uma medida de prudencia que o orador suggeria para evitar as consequencias irreparaveis de correntes da maior exaltação de animos

Depois da confusão que se estabeleceu no local, alguns deputados da minoria sahiram por uma das portas lateraes da Camara para, atrvessando a massa popular, infestada de malfeitores, novamente falar ao povo.

E foi quando terminou esse comicio que se desenrolaram os dolorosos e tragicos acontecimentos de que a Nação justamente estarecida, já teve noticia.

O que se passou no recinto foi um éco desesperado do que ocorreu na praça publica.

Pelo que ocorreu na praça publica, são responsáveis directos os srs. presidente da Republica, ministro da Justiça e chefe de policia.

A Alliança Liberal, lamentando profundamente o terrivel epilogo dessa monstruosa parcialidade dos poderes publicos, na campanha partidaria em que a Nação está envolvida, deplora a morte do deputado Souza Filho, ardoroso representante do grande Estado de Pernambuco, e declara a sua indefectivel solidariedade moral com o velho e respeitavel servidor da Republica, seu incansavel companheiro de lutas, deputado Simões Lopes, homem probo e bom que agiu na tragedia ao impulso de respeitaveis sentimentos.

Ao mesmo tempo, a Alliança Liberal varre de si toda a responsabilidade do acontecido.

Foi a constante e insolita provocação da capangagem tolerada pela policia, se não directamente instigada por ella que, gerando uma atmosphera de legitima indignação, deflagrou na tragedia que a todos compunge.

É preciso que a Nação se compenetre da gravidade sem par do momento que estamos vivendo.

A policia cruza os braços às maiores affrontas e ameaças aos representantes do povo !

Nunca, depois da época colonial, havia o Brasil descido a tamanhas violencias e a taes demonstrações de arbitrariedade e incultura politica.

A Alliança Liberal continuará como até aqui, a pugnar desassombadamente pelos seus alevantados idées (sic) que são os do civismo e os da regeneração dos nossos costumes politicos.

A Alliança Liberal para resalvar a apuração de futuras responsabilidades toma, ainda uma vez, a iniciativa de dirigir-se, de publico, ao chefe da Nação, concitando-o a que assuma a attitude inherente a alta magistratura de que o investiu a confiança do povo brasileiro e assegure a todos os cidadãos os direitos outorgados pela

Constituição republicana.

E só disto depende a tranquilidade do paiz, e como consequencia o seu credito e renome dentro e fora de nossas fronteiras.

A Alliança Liberal respeita as opiniões dos seus adversarios e exige dentro da lei que se respeitem os seus direitos de opinar e agir

A Alliança Liberal quer a discussão com os adversarios dignos e della nunca se arreceia, mas não pode tolerar que se queira entregar os seus representantes aos achincalhos e aggressões friamente premeditados, duma patuleia de desclassificados protegidos pela policia.

Houvessem os poderes publicos sabido cumprir dignamente o seu dever, e certamente o Brasil não teria passado pelo vexame e pela do das scenas de hoje desenroladas á porta e no recinto da Camara dos deputados.

Deputados Affonso Penna Junior, presidente, Antonio Massa, Tavares Cavalcanti, Carlos Pessôa, Afranio Mello Franco, Raul Faria, Torquatò Moreira, Bueno Brandão, João Neves da Fontoura, Lindolpho Collier, todos do comité executivo da Alliança Liberal! (4/1/1930).

As retalições pessoais chegaram ao auge. Contra Jáder de Andrade se escrevia: "Mentir, esse vicio dos mais feios, é a arma de que nunca se separa o secretario da Agricultura.

Mente por conveniencia, mente por "sport", enfim mente por habito". (TIMBAUBA-JORNAL, 11/4/1930).

E, pouco tempo antes: "O situacionismo timbaubense procura "cavar eleitores por todos os processos criminosos, desde o suborno, ás promessas de "quem votar com o governo tem direito a tudo e quem votar contra não tem direito a nada", até as ameaças de surra, exilio, aumento de impostos, e, vejam só que pandegos, até as de "não poder comprar casa em Timbauba quem for liberal, porque a este nada se pode facilitar, conforme a ordem do chefe"!

Há também um processo mais "ingenuo", êste a que ora nos queremos referir, ei-lo: "você deve votar com o governo porque, de qualquer forma, os Andrades ficarão de cima, a Alliança Liberal não farã

nada aqui, Timbauba é dos Andrades" !" (TIMBAUBA-JORNAL, 25/1/1930).

Os ânimos estavam exaltados de parte a parte.

Vieram as eleições: vitória para os situacionistas.

Relatava A SERRA: "Compareceram 1017 eleitores, tendo 642 suffragado a chapa do Partido Republicano de Timbauba e 375 as diversas composições apresentadas pelos opposicionistas locais colligados". José Maria Bello, candidato também situacionista a governador, teve 721 votos, sendo sua candidatura apresentada em Timbauba por manifesto encabeçado por Jader de Andrade. (29/3 e 26/4/1930).

Os adeptos de Washington Luís e Julio Prestes, de um modo ou de outro, venceram o pleito.

Os rancores pareceram diminuir - na realidade passaram ao fogo - morto, prontos a estourar de novo, desta vez com maior violência. A proximava-se a revolução.

Os situacionistas, contudo, pareciam subestimar, ou mesmo ignorar - o que se apresenta excessivo - a conspiração liberal.

Escrevia A SERRA em 20/9/1930: "A revolução peruana e a revolução argentina já deram o que tinham de dar e ao que parece já entraram no rol dos fatos consummados.

A nossa, que se vem propagando pela forma Yankee, com reclames retumbantes, vaee sendo, felizmente, adiada e queiram os fados que a triste idéa desapareça de vez da cabeça de tanta gente desmiolada.

O diretor do "Diario Carioca" é que disse muito bem quando escreveu de nós, os brasileiros, só concorreremos para a revolução com a nossa curiosidade. Somos como o sujeito que poz uma gallinha no choco e que de minuto a minuto, agarrado ao rabo da ave, quer ver se a ninhada já poz a cabeça de fora, com a sua precipitação esfriando os ovos, incommodando o gallinaceo e perturbando a incubação".

E nas próprias vésperas do levante, em 13 de setembro de 1930 : "Politica... Nada ou quasi nada... Anda uma monotonia de apavorar...

Os demagogos fecharam o bico.

Apenas os jornaes vermelhos, como ficha de consolação e mantença

ao fogo sagrado, vomitam objurgatorias, matam, esfolam, arrazam o mundo, tudo isso porque a revolução que elles esperam não vem, nem mesmo puxada a gancho ...

Do sul, o que vem, é a mesma theorega de sempre ...

Uma causa lastimavel.

Mas enfim tudo isso ha de passar, O colera passou, passou a "hespanhola" e porque não ha de passar essa epidemia revolucionaria ?" (A SERRA - 13/9/1930).

Erravam os situacionistas.

No mês seguinte rebentava o levante, atingindo inclusive Timbaúba. Muitas versões contraditórias descrevem a intervenção sangrenta de 30 no município. Em média resultam no seguinte: durante a noite de 4 de outubro uma coluna revolucionária, vinda da Paraíba sob o comando do então tenente Muniz Andrade Cavalcanti, atingiu Timbaúba, onde um destacamento, numericamente inferior, de soldados governistas enviados pelo governador Estácio Coimbra tentou deter sua marcha. Da troca de tiros resultou uma morte de soldado situacionista. Seus companheiros refugiaram-se na Cadeia Pública, donde fugiram, ao amanhecer, para os morros ao fundo, de lá evadindo-se perseguidos pelos próprios revolucionários timbaubenses, prosseguindo a coluna rumo ao Recife.

Jáder de Andrade, sucessor da dinastia política dos Andrades, embora nascido em Goiana em 21 de abril de 1886 - conforme afirma sua carteira de identidade fornecida pela Secretaria de Segurança de Pernambuco em 27 de junho de 1931 - perdia o comando do município.

Seus adeptos sofreram as previsíveis perseguições post-revolucionárias. Teve, porém, a oportunidade de defender-se dos ataques num último número, especial, d'A SERRA.

A época que lhe foi posterior reconheceu seus méritos, uma vez a calmados os ânimos, embora acentuasse também o valor dos Ferreira Lima e seus companheiros, revolucionários de 30.

Já em 1937 o INFORMATIVO DE TIMBAÚBA escrevia: "Manoel Borba,

Alcêdo Marrocos, Andrade Bezerra, são nomes que Timbaúba guarda com especial carinho nas páginas de honra de sua história".

Acrescentava elogios a Osório Borba, hoje jornalista no Distrito Federal, com renome nacional, e ex-candidato a governador de Pernambuco: "A sua inesquecível ação jornalística no "Diário da Manhã" e na imprensa do Rio muito concorreu para a vitória da Aliança Liberal. Timbaúba lhe deve em grande parte a conquista de posição política após o movimento de 30".

A vida continuava.

Os timbaubenses continuaram lutando por seu progresso. No mesmo INFORMATIVO afirmavam, orgulhosos: "Pelo seu desenvolvimento cultural, agrícola e industrial, Timbauba, dentre os principais municípios do interior pernambucano, goza de uma situação privilegiada.

Poucos o superam ..."

Não lhes faltavam motivos para o entusiasmo.

Um sadio bairrismo empolga seus habitantes, tornando-os dos mais cielos do seu município, entre outros tantos do Nordeste. Apêgo à gleba profundo e sincero. Capaz de fixar, sem resmungos, o homem à terra, tornando-o capaz de fazê-la melhor.

Êste espírito permanece hoje vivo e atuante. Talvez ainda mais forte.

Os prefeitos sucedem-se com quase o mesmo espírito referido.

Indiquemos, como exemplo, um dêlos - o primeiro após a revolução de 30, tendo governado de 15 de outubro daquele ano, até 5 de julho de 1935 - Belarmino de Souza Rodrigues. Não queremos com isto desmerecer ou subestimar outros. Apenas mostrar, através de um caso concreto - podia ser tanto êsse quanto outro - como inúmeros edis timbaubenses tem-se esforçado pela sua comuna.

O INFORMATIVO DE TIMBAUBA, de 1937, enumerava a lista das suas realizações:

"1º. Concerto e revisão de todas as balanças e tarimbas do Açougue Publico da cidade.

- 2°. Construção de uma estrada de rodagem de 850 metros de comprimento, ligando as ruas Coronel Maranhão e Rua da Cruz.
- 3°. Alargamento de um trecho de pedra do corte da estrada que liga a rua Rodrigues Alves á rua Cél. Maranhão.
- 4°. Concertos por diversas vezes na ponte da rua Cel. Maranhão.
- 5°. Concerto na estrada que vai da usina Cruangi á vila do mesmo nome, com um desenvolvimento de cerca de Klmts.
- 6°. Compra de um predio de largas proporções e adaptações do mesmo para o mercado publico da Vila de Cruangi.
- 7°. Concertos gerais do predio que serve da referida vila, o qual é de propriedade do Municipio.
- 8°. Construção de uma rampa de cimento da Travessa do Ipiranga.
- 9°. Construção de um grande galpão, dividido em 3 secções, sendo a 1a. ocupada pela residencia do zelador e vigia, a 2a. pelo deposito de materiais do municipio e a 3a. pela cocheira dos animais de tração dos veiculos da Limpeza Publica.
- 10°. Construção de uma forte cerca de arame farpado, inclusive porteira, a qual isola o campo onde está edificado o galpão mencionado acima (sic).
- 11°. Aterro e abaulamento da rua Tte. João Gomes.
- 12°. Demolição de predio á rua Maciel Pinheiro, adquirido á firma Queiroz & Andrade, para alargamento da referida rua, obedecendo á nova planta da cidade.
- 13°. Aterro do trecho da estrada que liga a rua 13 de Maio á ponte Sergio Loreto.
- 14°. Colocação de cerca de 40 bancos de cimento armado nas praças 13 de Maio, Siqueira Campos e na parte oriental da praça João Pessoa e 5 de Julho.
- 15°. Completa reforma do serviço sanitario da cadeia publica da cidade, inclusive caiação e pintura externa e interna.
- 16°. Colocação de novas placas de esmalte indicadores (sic) das ruas: Travessa Cleto Campello, rua Tte. João Gomes, praça Siqueira

Campos, praça João Pessoa, rua Marechal Dantas Barreto, rua Cel. Maranhão, rua 21 de Fevereiro e rua das Flores.

17°. Colocação de placas esmaltadas indicadoras das escolas municipais, Mansenhor Fabricio Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, João Pessoa, Rio Branco e D. Vital, e Grupo Escolar D. Pedro II.

18°. Construção em cimento armado de um canal na ligação da rua Vigario Augusto com a praça Carlos Lira.

19°. Demolição de um predio á rua Dr. Alcibiades, ligando a Avenida Operaria Nilo Peçanha á referida rua, sendo construídas calçadas laterais e feita a pavimentação e arborisação da area desocupada com a referida demolição.

20°. Construção de um pavilhão sanitario com jardins aos lados, o qual é dividido em uma saleta de espera com lavatorio, imitando marmore, 4 gabinetes sanitarios e 4 de banho, inclusive um grande poço externo para abastecimento do mesmo pavilhão, um reservatorio da agua sobre colunas, com capacidade para 4 mil litros da agua, uma grande fossa liquefatora, outra seca, afastada do pavilhão cerca de 30 metros, e toda a canalisação.

21°. Reconstrução e aformosamento da praça João Pessoa, dotando-a de artisticos canteiros, uma bacia com repuxo e iluminação electrica, cerca de 20 bancos de cimento armado, sendo 4 com encostas, 12 postes de cimento armado para iluminação electrica, com globos de porcelana de 25 centms. de diametro.

22°. Completa reforma no gabinete sanitario do mercado publico da cidade, inclusive construção de fossas e deslocamento para a parte posterior do edificio, visto na parte central onde os mesmos estavam, localizadas ir de encontro aos mais rudimentares preceitos de higiene.

23°. Construção do mesmo mercado de 9 tarimbas de cimento armado com capacidade para o corte de 18 bois, visto as existentes que eram de madeira oferecem o mais repugnante aspecto.

24°. Construção de uma pontesinha (sic) em cimento armado, no

lado posterior do mesmo mercado, sobre a valeta com 3 metros de comprimento por 1 1/2 de largura, para dar acesso ao edificio.

25°. Construção de uma cisterna em alvenaria e cimento armado no Paço Municipal, com capacidade de 60 mil litros d'agua fluvial, destinada ao abastecimento do mesmo Paço, grupos escolares do estado e do municipio, escolas municipais, cadeia publica, delegacia e outros edificios publicos.

26°. Canalisação das aguas pluviais do edificio para a mesma cisterna, inclusive um filtro para beneficiamento das aguas.

27°. Remoção dos aparelhos sanitarios localizados no centro do Paço Municipal para uma de suas dependencias e transformado os compartimentos ocupados pelos mesmos aparelhos em arquivos e depositos de moveis da Prefeitura.

28°. Dotação de novo mobiliario confeccionado pela casa "A Construtora" de Recife, em madeira de sicupira (sic) do Pará, ao salão do Forum de acordo com as instruções do dr. Arnulfo Lins e Silva, juiz de direito de então, na qual foi despendido (sic) cerca de 5 contos de réis.

29°. Aposição da imagem de Cristo no salão do Juri com o concurso moral dos poderes Judicial e Ecclesiastico e da população (sic) da cidade, sendo que esse melhoramento foi as es pensas (sic) particulares do prefeito, nada custando aos cofres municipais.

30°. Completa pintura interna e externa do Paço Municipal e suas dependencias.

31°. Cobertura de placas de cimento armado de um trecho da valeta na praça Rio Branco, retiradas do local algumas balaustradas que impediam ali o transito publico.

32°. Reforma da fachada do cemiterio publico Santa Cruz.

33°. Construção de um necroterio em cimento armado e alvenaria, de acordo com a planta fornecida pelo Dep. Geral das Municipalidades

34°. Construção de um ossuario tambem em cimento armado e alvenaria.

35°. Dotação ás escolas publicas de cerca de 50 carteiras escolares, compradas a Queiroz Andrade & Cia. e material pedagogico adquirido em Recife a Ramiro Costa & Cia. e outras casas.

36°. Compra de 5 bandeiras nacionais e de Pernambuco para os edificios publicos.

37°. Dotando a vila de Cruangi de iluminação publica, constando esta de 7 lampadas Greatzin a alcool.

38°. Pintura e caiação do grupo escolar D. Pedro II, reforma dos aparelhos sanitarios e outros melhoramentos para maior conforto dos alunos.

39°. Construção de novos currais do matadouro publico com capacidade para 200 rezes e um outro menor para deposito de gado lanigero, caprino e suino.

40°. Reforma da parte interna do matadouro de suinos, substituindo as colunas de alvenaria por tesouras de madeira de lei e completa pintura do predio.

41°. Construção de uma galeria e nivelamento da parte da rua am-rechal (sic) Dantas Barreto que dá acesso ao matadouro. A galeria que tem 1,20 mt° de altura por 0,80 de largura é de cerca de 20 metros de comprimento.

42°. Assentamento de meio fio em perto de 90 metros no lado norte da rua Cel. Antonio Vicente, o qual já se acha provido de calçadas modernas com 2 1/2 metros de largura.

43°. Construção de uma galeria com paredes e bases de alvenaria e coberta com lages de granito, sendo revestida a parte interna em al-gamassa (sic) de cimento. A mesma galeria que tem 300 metros de desenvolvimento partindo de um trecho da valeta da Praça Rio Branco, prolonga-se pela Praça Carlos Lira, rua Cel. Antonio Vicente e Praça Joaquim Nabuco, onde despeja no Capibaribe-mirim com uma saída de 150 cmts. de altura por 0,80 de largura. Na mesma saída existe uma grade de ferro movel que impede a entrada de animais na referida galeria.

44°. Limpeza constante de caiação e pintura annual do antigo cemiterio publico da cidade, sito á rua Barão de Lucena.

45°. Reconstrução annual da estrada de rodagem que liga este município ao de Macapá (sic).

46°. Melhoramentos na estrada que vai de Mirador a Catucá.

47°. Diversas (sic) concertos na pavimentação e balaustrada na ponte da rua Coronel Maranhão.

48°. Reconstrução e reparos na estrada que dá acesso aos automoveis para o morro José Bonifacio.

49°. Limpeza do rio Capibaribe-mirim, no trecho entre as pontes Sergio Loreto e Barão de Lucena, na distancia de 2 kilometros.

50°. Construção da Praça Carlos Lyra, que é por assim dizer o coração da cidade, localisando no sentro da mesma um bello jardim com 12 bancos de cimento armado, 5 postes de iluminação do mesmo material, encimados por globulos (sic) de porcelana, para iluminação, dividindo o mesmo jardim a praça em 3 avenidas de 15 metros de largura com passeios de 2 e meio metros, dominado por bella coluna obedecendo ao estilo cubista (sic !!!) encimado por um globo de 45 cents. de diametro e da qual pendem 3 hastes que suportam outros tantos globos de menor dimensão. Na construção desta praça a Prefeitura dispendeu perto de 120 milheiros de paralelepipedos, 400 metros de meio fio e 250 sacos de cimento Pyramide. Sua inauguração foi o complemento das festas de 7 de setembro de 1934, revestindo-se de bella solenidade, tendo sido dada por inaugurada com o plantio de 3 palmeiras imperiaes em cada um dos angulos do jardim, pelo Dr. Ferreira Lima, vigario José Marques da Fonseca e dr. Lauro Camara, dd. Juiz de Direito da Comarca, tendo a abrilhantar a referida cerimonia o concurso do patriotico tiro de guerra de Itabaiana".

Pode-se talvez alegar que demos um destaque injusto à primeira administração municipal timbaubense após a revolução de 1930. Contudo, a escolhemos sem nenhum intuito senão o de exemplificar como trabalha a direção de uma típica comuna do interior pernambucano, com seus pequenos problemas e suas realizações modestas, grandes porém se levarmos em conta o ambiente e os esforços para vencê-lo. Outras tantas administrações fizeram outro tanto, de trabalho e dedicação.

Timbaúba, entretanto, não se contenta com os seus limitados horizontes. Seus habitantes acompanham com interesse a política nacional e internacional. Seus jornais divulgam também o que se passa de mais importante no país e no exterior. Até fatos menores, como o naufrágio voluntário da esquadra francesa em Toulon, despertava entusiasmados comentários: "E a França, sacrificada, espoliada, enxovalhada por um inimigo rancoroso e cruel, teve dentro de sua grande desdita, êsse momento de conforto e incitamento à conquista final de sua liberdade, que no caso será a liberdade do pensamento mundial!" (sic) (5/12/1942)

O "fraco", porém, dos timbaubenses são os problemas locais, profundamente interessados, como o são, pelo progresso do município.

O fato de Caruaru e Garanhuns liderarem o interior pernambucano não diminui o entusiasmo timbaubense pela sua comuna, e o desejo de melhorá-la.

Surgiram, com o tempo, inclusive centros de preparação para o magistério primário, como a "Escola Normal Rural Santa Maria" e o "Externato Timbaubense", com os seus cursos primário, secundário e pedagógico.

A II guerra mundial encontrou o município participando vibrante - mente nas campanhas patrióticas.

Em 1943 escreviam, com certo bairrismo: "Timbaúba é hoje uma cidade industrial de primeira ordem, contando com uma população operaria verdadeiramente vultuosa. Uma grande fabrica de fiação e tecelagem, quatro grandes sapatarias, com uma completamente mecanizada, uma fabrica de sabão e muitas outras industrias de menor vulto, fazem com que a cidade viva num movimento crescente de trabalho e animação. E este movimento é sempre incentivado pela atuação dos poderes publico que vivem em colaboração harmoniosa com os particulares, no louvavel ideal de elevar a cidade magnifica ao maior progresso e à situação mais brilhante".

"Os novos bairros, iniciados ha algum tempo, já apresentam aspect interessante, e o grande numero de casas, todas cuidadosamente cons-

truidas, dão à cidade a feição de progresso que todos nós vivemos neste momento".

Otimismo fecundo, pois os timbaubenses não se limitaram a presenciar o progresso, mas a construí-lo também,

O saneamento, a luz elétrica, os bancos locais ("popular" e "de Timbaúba"), a usina (Cruangi), o açúcar, o algodão, a lavoura em geral, o comércio, o artesanato de redes e sapatos, tudo foi e continua sendo renovado.

A pavimentação atingiu a estrada do Recife até Nazaré da Mata . Vai, em breve, avançar rumo a Aliança. Chegará a Timbaúba dentro de uns cinco anos. O progresso timbaubense terá novas perspectivas.

O fato da população local não se prender demasiado à monocultura do açúcar, enfrentando os riscos do comércio e do artesanato em grar de escala, dá margem a podermos esperar uma posição de liderança de Timbaúba no norte de Pernambuco, ao lado apenas do Limoeiro, não temendo as glórias do passado de Goiana, nem a competição de outros municípios vizinhos.

Falamos muito na vida urbana timbaubense.

Poderíamos acrescentar algo acerca da sua vida rural, sobretudo nos seus engenhos. Inclusive porque romancistas de fama nacional, como Franklin Távora, no século passado, e José Lins do Rêgo, no atual, escolheram engenhos dos seus arredores para ali situarem romances bem conhecidos do público brasileiro.

O cearense Franklin Távora, por exemplo, no seu livro O MATUTO - CRONICA PERNAMBUCANA (18) descreve: "Suas forças não diminuíram, antes aumentaram. Em suas faces ha risos continuados. Não lhe alvejam na frente as cans da velhice. Esse ente é o rio Capibaribe-mirinda que em 1711 passava por dentro do cercado do engenho Bujary, um braço cheio e vigoroso, o qual se estendia então sobre limpo e arenoso leito, enquanto hoje só o caçador ou algum viajor transviado ovê dilatar-se por entre mattos e por baixo de frescas e amenas sombras. Semelhante ás cobras que rastejam em suas margens, elle serpê

desconhecido e caracolla, ora brando e vagaroso, ora barrento e as -
 sanhado, atravessado os proprios pontos onde no seculo passado brin-
 cava com a luz do dia e recebia os beijos da franca viração dos des-
 campados. As aguas, com que refresca essa parte central da matta ba-
 nham, antes de chegar ahi, as povoações denominadas Mocós e Timbaúba
 unicos pontos populosos por onde passam. Toda a restante região que
 ellas percorrem, é solitaria e erma. O morador do centro civilisado
 fez-se quasi exclusivo habitante da solidão e da floresta".

E no interior do engenho: "Viam-se senhoras na sala dos hospedes.
 Algumas dellas eram mulheres, outras eram filhas dos nobres proprie-
 tarios convidados para a reunião; e conversavam sentadas nas cadei-
 ras de sola com pregaria que guarneciam a sala e das quaes ainda se
 vêm algumas, que como as reliquias do tempo em que representaram gran-
 de adiantamento da arte.

A mobilia, não obstante ser de uma casa em que se professavam ha-
 bitos de nobreza e riqueza, não era de dar na vista; ao contrario ,
 pouco adiantava á que se encontra presentemente em alguns engenhos,
 donde grande parte dos habitos daquelle tempo não desapareceu inte-
 ramente. Além das cadeiras viam-se dois canapés, também cobertos de
 sola, tres ou quatro bancas de acajú, e uma grande commoda de noguei-
 ra com muitas ordens de gavetas. Sobre as bancas havia alfaias de pre-
 ta e sobre a mesa esta assente um candieiro grande do mesmo metal .
 Pendiam da parede, fronteiros e na mesma altura dois quadros em que
 appareciam registrados o senhor e a senhora do engenho.

A sala das mulheres, aquelle momento deserta, attestava melhor o
 goszo, a educação e a mocidade de d. Damiana. Sobre commoda de for-
 mas menos pesadas do que o da sala contigua, certamente obra de fóra
 em que se procurava entalhar uns longos do goszo de Luiz XIV, via-se
 um rico sanctuario de jacarandá, que, estando aberto, deixava ver po-
 entre ramalhetes de frescas flôres naturaes, formosas e ricas imagei-
 adornadas com seda, ouro e pedras preciosas. Por junto da parede co-
 ria um estrado coberto de damasco, e fronteiro a elle mostrava-se

bufete de especial estimação da aristocratica senhora. Um tear ao carto, bancas de jacarandá de delicadas entalhas e sobre as bancas garrafinhas e frascos de vidro e crystal completavam, com o grande espelho affixado na parede, a sala particular de d. Damiana.

Ao accender das fogueiras achavam-se os homens, não na sala-de-visitas, mas no aposento immediato - especie de gabinete onde tinha João da Cunha cama para descansar, papeis, roupas e armas". (pp. 123 , 124, 125).

A longa citação mostra como os engenhos da região outrora submetida a Timbaúba, embora não tivessem a opulência e tradição comparáveis aos do Cabo ou Igarassu, também "professavam habitos de nobreza e riqueza".

O paraibano José Lins do Rêgo situa em PUREZA, pequeno engenho e estação ferroviária da linha João Pessoa- Recife, por onde passara o romancista muitas vêzes, a trama de um livro seu. Aí vez por outra se encontra um bucolismo surpreendente: "Era um recanto retirado, onde só existia mesmo, alem da casa do chefe da estação, o chalet onde eu morava. Um meu collega da estrada de ferro me arranjava aquelle retiro. Fôra uma casa que um superintendente da estrada construira para passar o verão. O lugar é uma delicia, um retiro que só mesmo o gosto de um inglez poderia ter descoberto. Um exquisito, como diz o povo desses lugares. A minha casa fica rodeada de grandes eucalyptos , que rumorejam ao vento. Cigarras e passaros fazem um rumor que acaricia os nervos. Lá em baixo corre um rio por cima de pedras. E o silencio do ermo é de vinte e quatro horas ". (p. 28).

O trem era o único intruso a quebrar a paz dos arredores: "O grande silencio de Pureza se quebrava naquelles quinze minutos da parada dos horarios. A machina tomava agua no deposito, a agua doce do rio que corria por cima das pedras. E fôra só por isso que haviam se lembrado daquelle lugar para uma estação. Fôra a agua azul de Pureza que vencera os engenheiros da estrada de ferro". (p. 31). Pureza, "em plena gloria matinal, de céu limpo, de arvores balançando ao vento e passaros cantando"! (pp. 180, 181).

As comunicações do chefe da estação de Pureza com o de Timbaúba não se refazia apenas a problemas grandes e pequenos. Às vezes sôbre promissoras novidades: "O ordenado dos chefes aumentaria em cem mil réis". (...).(p. 181).

Vemos, assim, que os arredores timbaubenses não deixaram de projetar-se até a própria fama nacional ...

Enfim: podemos ver em Timbaúba um protótipo de município interiorano de Pernambuco. Nascido entre duas culturas diferentes, a do gado e a do açúcar, compartilhou das suas realidades. Sua origem não tem braços como Igarassu, Goiana, Cabo, Olinda ou Recife. É mais modesta, e nem por isto menos digna. Vinda do século XIX, alcançou cedo uma posição de liderança na região. Em última análise sua árvore genealógica, no Brasil, remonta à capitania de Itamaracá, a cujo domínio suas terras pertenciam já no século XVI, quando tapuias percorriam a Serra dos Mocós. De Goiana partiram colonizadores luso-brasileiros, subindo o vale do Capibaribe-mirim.

O episódio da fundação através de um capricho de Antônio José Guimarães, mudando a feira para defronte da sua fazenda de gado, parece lendário. A figura do português atrabiliário e desbravador transforma-se como numa saga, transformando aquele homem quase como num mito nebuloso, guardado na memória popular. Sem dúvida sua forte personalidade influenciou decisivamente os rumos da vida local, porém, ao que tudo indica, foi ajudado por circunstâncias históricas, econômicas e geográficas que o condicionaram.

Timbaúba não nasceu de um capricho, mas de fatores dos quais os homens foram instrumentos, embora ativos.

O latifúndio sempre dominou a maior parte da sua vida.

Os engenhos também aí foram absorvidos pela usina - fenômeno tão freqüente no Nordeste.

A própria participação timbaubense na revolução praieira, de 1848 prova muito bem que o município girava mais em torno do açúcar que

do gado, no século XIX. Lembra Edison Carneiro: "Os engenhos de açúcar dos caudilhos da Praia eram, ao mesmo tempo, bases de operações fontes de efetivos, provisões e munições e caminho seguro para as forças liberais". ("O partido da praia" - ESTUDOS SOCIAIS - julho - agosto - 1958 - p. 213)(Ob. cit.).

Cruangi - mais importante povoação dos arredores de então e local do maior combate de 48 - vivia sobretudo do açúcar, em cuja produção se firmara como centro tradicional.

Ainda hoje a única usina do município fica em Cruangi - como a resguardar um pouco da glória passada do povoado dominado pela massa da velha e grande igreja.

As modificações políticas de Timbaúba tiveram lugar, até agora, na cúpula. Inclusive em 1930. O grosso da população - artesões urbanos e camponeses da zona rural - continuam no mesmo. Suas melhoras vêm como consequência do progresso geral, e não como conquistas diretas suas, uma vez que o poder permanece nas mãos dos senhores da terra. Contudo não se pode falar em miséria no município. Ou em opressões violentas. Já existem ali uma consciência de direitos e um entusiasmo pela construção de uma vida melhor. Robert Park, célebre sociólogo iniciador da chamada Escola Ecológica de Chicago, definia "The city is rather a state of mind..." "A cidade é com efeito um estado de espírito..."

Timbaúba tem este estado de espírito.

Não é ainda uma "city"; continua uma "town", porém com a ânsia de melhorar. Sua laboriosidade artesanal, sua liderança comercial, lembram um tanto Juazeiro do Norte, embora sem os exaltados fervores religiosos daquela cidade cearense. Timbaúba, enfim, não uma "villeg", mas uma "town" imbuída de um entusiasmo que não se encontra com facilidade no interior do Brasil.

Sobretudo no Nordeste, empobrecido e com poucos recursos, onde as pequenas cousas têm de ser aproveitadas ao máximo.

Oxalá o progresso timbaubense seja a tal ponto grande, que a emulação e a ajuda recíproca com outros municípios, ajudem a fortalecer econômica e culturalmente o Brasil, de modo mais ponderável.

FUNDAÇÃO DA FREGUEZIA DE TIMBAÚBA

Lei n° 1.103

O Bacharel Henrique Pereira de Lucena, Commendador da Imperial Ordem da Rosa, Conselheiro de Christo, Juiz de Direito e Presidente da Provincia de Pernambuco:

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a resolução seguinte:

Art. 1° Fica criada a Freguezia de Nossa Senhora das Dores de Timbaúba.

Art. 2° A mesma Freguezia se comporá dos distinctos de par. de Timbaúba e Cruangy.

Art. 3° Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as Autoridades, a quem o conhecimento e a execução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como n'ella se contém.

O Secretario interino da Presidencia d'esta Provincia a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio da Presidencia de Pernambuco, 28 de maio de 1873.

O Secretario interino João Diniz Ribeiro da Cunha, Conforme - Luiz Salazar Moscoso da Veiga Pessoa.

FUNDAÇÃO DA COMARCA DE TIMBAÚBA E ELEVAÇÃO DA SUA SEDE A VILA

LEI N° 1.363

O Bacharel Adolpho de Barros Cavalcanti de Lacerda, presidente da provincia de Pernambuco:

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a resolução seguinte:

Art. 1° Fica dividida em duas a actual comarca de Itambé, tendo nova comarca por séde a povoação de Timbauba, que fica elevada á villa

Art. 2° A nova comarca se dividirá com a de Itambé do modo seguinte: principiará na estrada do Limoeiro, nos limites desta provincia com a da Parayba, e, descendo por essa estrada até o lugar denominado Queimadas, tomará a que vai para o Salgado e seguirá até Mocozinho, de onde continuará pela estrada que se dirige para o engenho do Poço, até o rio Capibaribe.

Art. 3° Na nova comarca de Timbauba ficam creados dous tabellinatos; ao primeiro será annexo o cartorio do cível, e ao segundo o de orphãos.

Art. 4° Fica igualmente creado um cartorio de capellas, residuos e execuções criminaes, ao qual deverá ser annexado o do jury, assim como dous lugares de partidores, á um dos quaes será annexo o de distribuidor, e ao outro o de contador.

Art. 5° Ficam revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto as autoridades, á quem o conhecimento e execução da presente resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

O secretario da presidencia desta provincia a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio da presidencia de Pernambuco, 8 de abril de 1879, 58° da independencia e do imperio.

L.S. - Adolpho de Barros Cavalcanti de Lacerda.

Sellada e publicada a presente resolução nesta secretaria da presidencia de Pernambuco, aos 8 de abril de 1879.

O secretario

(a) José Austregesillo Rodrigues Lima

Copiado da COLLEÇÃO DAS LEIS PROVINCIAES sancionadas e publicadas no anno de 1879 - Recife Typ. de M. Figueiroa de Faria & Filhos - 1879 (pp. 45, 46).

ELEVAÇÃO DA VILA DE TIMBAÚBA A CIDADE

LEI N° 1.811

O desembargador honorario José Manoel de Freitas, official da Imperial Ordem da Rosa e presidente da provincia de Pernambuco:

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a resolução seguinte:

Art. 1° Fica elevada á cidade de Santo Amaro de Jaboaão a villa do mesmo nome.

Art. 2° Ficam elevadas igualmente a cidades as villas de Timbauba e Gloria de Goitá.

Art. 3° O districto de paz de Boa Viagem fica desmembrado do municipio de Muribeca e pertencendo, como dantes, ao municipio do Recife

Art. 4° Ficam revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da presente resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como n'ella se contém.

O secretario da Presidencia desta provincia a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio da Presidencia de Pernambuco, 27 de Junho de 1884, 63° da independencia e do imperio.

(a) José Manoel de Freitas

L.S.

Sellada e publicada a presente resolução nesta secretaria da Presidencia de Pernambuco, aos 27 de Junho de 1884.

O secretario

(a) João Augusto de Albuquerque Maranhão

Copiada do livro LEIS PROVINCIAES DE PERNAMBUCO para o anno de 1884 - Recife - Typ. de M.Figueiroa de Faria & Filhos - 1884 (pp. 28, 29).